

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

NOVA

UNIVERSIDADE NOVA
DE LISBOA

Estigmatização e Segregação de Bairros Sociais: Os impactos nas oportunidades de vida dos jovens.

Sara da Conceição Fernandes Martins

Mestrado em Estudos Urbanos

Orientadora: Doutora Maria Teresa Esteves Costa Pinto, Professora
Associada do ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador: Fábio Sousa, Presidente da Junta de Freguesia de Carnide

Fevereiro, 2023

Estigmatização e Segregação de Bairros Sociais: Os impactos nas oportunidades de vida dos jovens.

Sara da Conceição Fernandes Martins

Mestrado em Estudos Urbanos

Orientadora: Doutora Maria Teresa Esteves Costa Pinto, Professora Associada do ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador: Fábio Sousa, Presidente da Junta de Freguesia de Carnide

Fevereiro, 2023

Agradecimentos:

Este relatório simboliza o fim de mais uma etapa académica concluída. Foram dois anos de aprendizagem, com os seus altos e baixos e muitos desafios. Foram também dois anos atípicos, uma vez que esta fase da minha vida académica foi iniciada em setembro de 2020, ano que ficou marcado pela pandemia global de covid-19. Contudo, tenho a certeza de que a conclusão desta etapa apenas foi possível pelo apoio que tive à minha volta. Deste modo, dirijo o mais sincero e sentido agradecimento às seguintes pessoas:

- À minha orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Esteves Costa Pinto, pela disponibilidade que sempre demonstrou para me ajudar, pelas sugestões e contributos enriquecedores para melhorar o meu trabalho;
- Ao meu coorientador, Fábio Sousa, por aceitar a proposta que fiz à Junta de Freguesia de Carnide e me proporcionar a oportunidade de desenvolver este estágio.
- Ao Bruno e à Erika do “Espaço Jovem” e aos jovens que o integravam, por me terem aberto a porta, e terem permitido que eu fizesse parte das vossas rotinas e por terem deixado que vos “chateasse” com as minhas questões.
- A todos os técnicos com quem trabalhei no Projeto “Bola Para a Frente” Ana, Rui, Daniela, Naia, Ivo, Paula, Daniela S. e Silvia e a todos os jovens que frequentam a associação, por me receberem e pela forma como estiveram sempre disponíveis para me ajudar e por me deixarem vivenciar o vosso dia a dia.
- A todos os envolvidos no projeto “Bairro aos meus olhos”, por me receberem da melhor forma possível mesmo que por um período reduzido.
- E ao João por ter a maior paciência do mundo para mim e por me ajudar a rever todos os capítulos.

Resumo:

Planos como o PER (Programa Especial de Realojamento) permitiram o realojamento de diversas famílias no Bairro Padre Cruz, facilitando a sua retirada de habitações precárias e sem condições. Contudo, “arrumaram” estas pessoas em lotes neste bairro social e ignoraram as outras questões usualmente associadas à habitação.

Para as ciências sociais, fatores como o rendimento (Fonseca, 1984), o tipo de habitação (Esteves, 1995), a organização espacial do espaço (Malheiros et al., 1989), a concentração de pobreza, a segregação racial e perturbações familiares (Simpson et al., 1995) são fatores muito importantes na compreensão do fenómeno da marginalidade. Desta forma, e considerando a situação de vulnerabilidade social em que se encontram os indivíduos que habitam em bairros de habitação social, a concentração/segregação nestes lugares pode contribuir para a normalização de determinados comportamentos que, em certas circunstâncias, podem ser de génese ilegal (Reid et al., 2005). Por outro lado, a forma como estas situações são depois reportadas pelos meios de comunicação social (de forma simplificada e censurada) acaba por contribuir para a criação de estereótipos e preconceitos relativos aos bairros sociais e aos indivíduos que nele habitam (Pina, 2009).

Estes estigmas acabam por ter consequências na forma como estas pessoas se integram na sociedade que os rodeia, influenciado assim as oportunidades que lhes são apresentadas (em especial aos jovens). Neste sentido, o presente relatório foca-se na forma como os estigmas podem influenciar as oportunidades de vida dos jovens que habitam o Bairro Padre Cruz, refletindo igualmente sobre a resposta que a concentração de vulnerabilidades várias nos bairros sociais pode ter tido na promoção destas situações.

Palavras-chave: Programas de realojamento; Estigmatização, Segregação social, Exclusão Social, Marginalização.

Summary:

Rehousing plans such as PER (Special Rehousing Program) allowed the relocation of several families in neighborhood like Bairro Padre Cruz, which facilitated their removal from precarious and poor housing situations. However, this type of program focuses on in giving a house to those in need, ending up leaving them on lots in social neighborhoods, ignoring the other social issues usually associated with housing.

For the social sciences, factors such as income (Fonseca, 1984), type of housing (Esteves, 1995), spatial organization of space (Malheiros et al., 1989), concentration of poverty, racial segregation, and family disturbances (Simpson et al., 1995) are very important in the understanding of marginality as a phenomenon. Taking this into account and considering the situation of social vulnerability in which the individuals included in the social housing projects find themselves (Araújo, 2018), their concentration/segregation in this neighborhood may have contributed to the normalization of certain behaviors that, in certain circumstances, may be of illegal origin (Reid et al., 2005). On the other hand, the way these situations are later reported by the media (in a simplified and censored way) end's up contributing to the creation of stereotypes and prejudices regarding the neighborhood and the individuals who inhabit it (Pina, 2009).

These stigmas end up having consequences on the way these people integrate into the society that surrounds them, influencing the opportunities that are presented to them (especially the younger generations). That said the main focus of this paper will be on how these stigmas can influence life opportunities of the younger generations. Also referring to the influence that resettlement plans may have had in promoting these situations.

Keywords: Resettlement programs; Stigmatization, Social segregation, Social Exclusion, Marginalization.

Conteúdo

I- Introdução.....	1
II- Estigmatização e Segregação Social de Bairros Sociais	4
2.1- Estigma e Segregação Social	4
2.2- O Problema Habitação Social: Políticas Habitacionais e Planos de Realojamento	5
2.3- Bairros Sociais, o Estigma e os Jovens	8
III- Bairro Padre Cruz	13
3.1- Enquadramento social e espacial	13
IV- Componente Prática: os Projetos e a Perceção do Estigma	19
4.1- O estágio	19
4.2- As representações dos medias: Estigmas associados ao bairro	21
4.3- Projetos	26
4.3.1- Projeto Bola para a Frente	26
4.3.2- Espaço Jovem	29
4.3.3- Bairro aos Meus Olhos.....	30
4.4- Perceção e Mitigação do Estigma:	33
4.4.1- Projeto Bola para a Frente	33
4.4.2- Espaço Jovem	38
4.4.3- Bairro aos meus olhos	40
V- Considerações Finais:	42
Fonte:	46
Bibliografia	49
Anexos:	53

Índice De Figuras

III- Bairro Padre Cruz	13
Figura 3.1: Enquadramento Geográfico do Bairro Padre Cruz	13
Figura 3.2: Tipologia das primeiras casas no Bairro Padre Cruz	14
Figura 3.3: Construção do bairro de alvenaria	14
Figura 3.4: Lotes PER do Bairro Padre Cruz.....	15

Figura 3.5: Barreiras Espaciais do Bairro Padre Cruz	16
IV- Componente Prática: os Projetos e a Perceção do Estigma	19
Figura 4.1: Fotografia do Bairro Padre Cruz	25
Figura 4.2: “Biblioteca viva”	35
Figura 4.3: “Biblioteca viva”	35
Figura 4.4: “Biblioteca viva”	35
Figura 4.5: Palestra sobre a importância de poupar	36
Figura 4.6: Criação de um teatro de sombras sobre as alterações climáticas	36
Figura 4.7: Pensamento positivo	36
Figura 4.8: Atividade de premiação dos jovens que nos 3 meses anterior se destacaram por participar nas atividades, bom comportamento e assiduidade na escola	37
Figura 4.9: Treino de futebol de rua	37
Figura 4.10: Troneio de futebol de rua	37
Figura 4.11: Quadro apresentado aos jovens relativo aos diversos tipos de estigmas	38
Figura 4.12: Exercício sobre os sentimentos e como devemos lidar com cada um deles	39
Figura 4.13: Exercício de criação do jogo de Tabuleiro	39
Figura 4.14: Exercício de reflexão sobre as forças de carácter	39
Figura 4.15: Visita cultural ao oceanário de Lisboa	40
Figura 4.16: Manhã dedicada à educação ambiental através da utilização de jogos	40
Figura 4.17: Manhã dedicada à educação ambiental através da utilização de jogos	40

Índice De Quadros

IV- Componente Prática: os Projetos e a Perceção do Estigma	19
Quadro 4.1: Diretrizes temáticas para as conversas informais	20
Quadro 4.2: Atividades “Bola para a Frente”	27
Quadro 4.3: Atividades “Espaço Jovem”	29
Quadro 4.4: Atividades “Bairro aos meus olhos”	32

Índice De Anexos

Anexos	53
Anexo A: Panfleto projeto “Bairro aos meus olhos”	53

Glossário de siglas:

PALOP – País Africano de Língua Oficial Portuguesa.

PIMP – Plano de Intervenção a Médio Prazo.

PER – Programa Especial de Realojamento.

QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional.

CML – Câmara Municipal de Lisboa.

GNR – Guarda Nacional Republicana.

ANFR – Associação Nacional de Futebol de Rua.

PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação.

PSAI – Programas Personalizados De Medidas De Suporte à Aprendizagem e à Inclusão.

ATL – Atividades de Tempos Livres.

I- Introdução

O presente relatório tem por base um estágio realizado na Junta de Freguesia de Carnide, entre outubro de 2021 e junho de 2022, como forma de conclusão do Mestrado em Estudos Urbanos, tendo como área de estudo o Bairro Padre Cruz. Desenvolve-se em torno da ideia de que existem na sociedade contemporânea, um conjunto de estereótipos e preconceitos que se associam a determinados indivíduos com base na sua raça, nacionalidade, classe social, etc. Este tipo de ideias e estereótipos podem ainda, decorrer do local de origem de um indivíduo ou da área onde este habita. Sendo o acesso à habitação um fator importante da qualidade de vida de uma pessoa, ainda existe em Portugal, uma grande separação entre os que conseguem aceder ao mercado de habitação e os que não apresentam meios financeiros para o fazer, persistindo na sociedade atual grandes preconceitos em relação, por exemplo, à habitação social, em especial aos bairros sociais e, por consequência, às pessoas que neles habitam.

Os bairros sociais são uma das respostas ao problema do acesso à habitação. Contudo, é uma solução que resolve o problema do ponto de vista numérico, atribuindo uma casa a quem precisa e ignorando outras questões sociais que partem da habitação e que permitem a um indivíduo se relacionar e/ou integrar na sociedade que o rodeia, o que acaba por trazer um outro conjunto de problemas, traduzindo-se no insucesso deste tipo de projetos. Um exemplo disto são os planos como o PER (Programa Especial de Realojamento) que permitiram o realojamento de famílias que viviam nas chamadas “barracas”. No entanto, “arrumaram” estas pessoas nos lotes nos bairros sociais e ignoraram-se as outras questões sociais ligadas à habitação.

O meio que envolve uma pessoa é, na maioria dos casos, um fator importante na forma como esta se comporta e/ou é recebida pelos outros, sendo estes importantes para a normalização de certos comportamentos e costumes (Sattersten, 2001). Por outro lado, para as ciências sociais, fatores como o rendimento (Fonseca, 1984), o tipo de habitação (Esteves, 1995), a organização espacial do espaço (Malheiros et al., 1989), a concentração de pobreza, a segregação racial e as perturbações familiares (Simpson et al., 1995) são determinantes compreensão do fenómeno da marginalidade. Neste sentido, e tendo em conta a situação de vulnerabilidade social em que se encontram as pessoas a quem são destinados os projetos de habitação social (Araújo, 2018), a sua concentração/segregação nestes espaços acaba por contribuir para a normalização de determinados comportamentos (Reid et al., 2005). Assim, estes comportamentos, em conjunto com a forma como os mesmos são reportados pelos meios de comunicação social (de forma simplificada e condenatória – Pina, 2009), acabam por contribuir para a criação de estereótipos e preconceitos em relação às pessoas que neles habitam. Por outro lado, existe nesta percepção

externa do bairro um determinado poder para a promoção, criação e/ou “manipulação” de uma identidade coletiva que poderá ser transferida para os que nele habitam (Marôpo, 2013).

Contudo, a interiorização desta “identidade”, por parte dos habitantes do bairro, pode reforçar esses mesmos tipos de comportamentos, continuando a alimentar os sentimentos de insegurança e desconfiança, o que acaba por promover situações de marginalização e discriminação destes indivíduos.

Neste sentido, estas dinâmicas que ligam a interiorização de uma imagem negativamente estereotipada e a difusão de dinâmicas de conflito, promovendo situações de marginalização e discriminação são sobretudo fortes nos jovens (especialmente adolescentes) (Moura, 2003) devido, à enorme necessidade de afirmação que estes apresentam (Carvalho, 2013), mas também ao facto de esta ser a única realidade que conhecem, e o bairro ser o espaço onde se desenvolveram e com o qual se identificam (Pinto et al., 2000).

A marginalização destes jovens apresenta ainda consequências graves na suas opções, perspectivas e oportunidades de futuro, uma vez que a sua condição e estereotipação influencia a forma como veem a escola, a sua integração no mercado de trabalho e o acesso à participação política e social, dificultando a sua mobilidade social e o processo de superação da sua situação de vulnerabilidade económica.

Neste sentido, o foco deste relatório, tendo por base o estágio realizado, centra-se na questão dos impactos que a estigmatização e a segregação socioespacial associada aos bairros sociais gera, tentando perceber de que forma influenciam as oportunidades dos jovens e como se pode combater estes impactos.

O presente relatório de estágio tem uma componente prática, ligada à observação participante no Bairro Padre Cruz em Lisboa. Através da Junta de Freguesia de Carnide, integrou-se três projetos distintos que apresentam como objetivo o combate aos problemas relacionados com as questões da estigmatização e segregação social no bairro. Dois dos projetos em questão trabalham diretamente com jovens (o ‘Espaço Jovem’ e o projeto ‘Bola para a frente’) e o terceiro aborda a questão do estigma diretamente, tendo como alvo a população do bairro no geral (‘Bairro aos meus olhos’). O estágio decorreu entre outubro de 2021 e junho de 2022 e, embora tenha sido promovido pela Junta de Freguesia de Carnide, o tempo de estágio foi na sua maioria passado entre os projetos em análise.

Os objetivos sobre os quais este estágio se apoia são os seguintes: I) Identificar os estigmas que existem em relação ao Bairro Padre Cruz; II) perceber de que forma os programas de realojamento e políticas de habitação envolvidos no Bairro Padre Cruz podem ter contribuído

para a propagação dos estigmas; III) compreender, a partir de dentro do bairro, como é que os jovens percebem os estigmas de que são alvo; IV) perceber de que forma estes projetos podem mitigar e contrariar os efeitos do estigma; V) e finalmente, analisar de que forma os projetos existentes para mitigar o problema estão a ser bem sucedidos.

Num primeiro capítulo, o objetivo é realizar o enquadramento conceptual da temática em questão, onde se integram quatro grandes tópicos: Estigma e Segregação Social; O Problema da Habitação Social: Políticas Habitacionais e Programas de Realojamento; Bairros Sociais, o Estigma e os Jovens; O Estigma e os Media.

O capítulo II irá focar-se na apresentação e caracterização do Bairro Padre Cruz, bem como numa análise dos meios de comunicação social de forma a identificar a imagem do bairro reproduzida nos media e, por consequência, os estigmas que poderão associar-se a este lugar. No capítulo III, apresentam-se três projetos no qual estive integrada, assim como uma reflexão sobre os resultados obtidos após a observação e participação nas atividades organizadas pelos mesmos, bem como das conversas que tiveram lugar com estes jovens e técnicos.

O capítulo final consiste numa reflexão sobre o impacto que o viver no bairro pode ter nas oportunidades destes jovens e o contributo que as políticas de habitação e planos de realojamento dão neste sentido, bem como na análise da perceção que os jovens têm do estigma, o impacto que este projeto tem no combate à estigmatização e segregação social e na integração dos jovens na sociedade.

II- Estigmatização e Segregação Social de Bairros Sociais

2.1- Estigma e Segregação Social

O conceito de “estigma” é um conceito por natureza difícil de definir, obrigando muitas vezes ao estabelecimento de “parâmetros” para a sua completa compreensão, uma vez que, frequentemente, aparece como sinónimo de palavras como estereótipo, preconceito, discriminação, exclusão social e de minorias (Soares, 2009). Assim, definir estigma, diferenciando-o dos outros conceitos aos quais está associado, torna-se complexo.

Estigma é um conceito de forma comum associado a uma perceção negativa relacionada com certo comportamento, característica, grupo, etc. Contudo, do ponto de vista das ciências sociais, pode-se considerar que o estigma percebe uma diferenciação e separação, sem que ao mesmo tempo deixe de reunir os detentores de um determinado atributo (Soares, 2009).

Em contrapartida, o conceito de preconceito parte de um julgamento *a priori*, porém, pode admitir-se que o preconceito tem por base o estigma associado. Estes acabam por ser socialmente instituídos e internalizados pelos indivíduos, acabando por se tornar independente dos estigmas que lhes deram origem (Soares, 2009). Os preconceitos podem ainda, contribuir para a criação de ódios raciais e/ou repulsa a outras raças, crenças, religiões, etc., como se pode frequentemente identificar em diversas situações sociais (Soares, 2009).

É comum os preconceitos serem percebidos como uma ideia generalizada, preestabelecida e redutora de uma pessoa ou situação. Porém, é na área da intolerância, sugerida pelos preconceitos, que nascem os estereótipos. Neste estudo, admite-se que o estereótipo funciona como uma confirmação do sistema, isto é, através dos estereótipos encaixamos as pessoas em “caixinhas” (Sousa, 2009).

Em suma, os estigmas estão relacionados com algo que o indivíduo estigmatizado provoca no outro, uma característica ou marca que, de certa forma, provoca a reação no outro, estigmatizando-o podendo admitir-se que é a combinação dessas marcas e características que suportam os estereótipos e os preconceitos (Soares, 2009).

A estigmatização territorial é um conceito mais complexo, uma vez que se trata de uma forma de ação com consequências prejudiciais por meio da representação coletiva fixada no lugar (Wacquant et al., 2014). Neste sentido, e embora a estigmatização territorial possa ser estudada a partir de numerosas dimensões de análise, este trabalho foca-se na estigmatização territorial que recai sobre determinados bairros em Portugal e que pode influenciar as oportunidades de vida de quem lá vive, em especial dos jovens.

Relativamente à segregação social, é um complexo conceito da geografia que se traduz numa disparidade de direitos no mesmo espaço urbano para distintos grupos sociais (Sassen, 2001). A segregação social está diretamente ligada às transformações socioeconómicas que ocorrem nas grandes cidades, promovendo mudanças nas estruturas socioespaciais, uma vez que o próprio conceito de segregação espacial está diretamente ligado ao processo de construção da cidade (Sassen, 2001).

Especialmente, o conceito de segregação social traduz-se no processo estrutural que obriga na cidade à “arrumação” das pessoas em função dos seus rendimentos em determinadas áreas da cidade (Sassen, 2001). Por estar diretamente relacionado com a forma como se estrutura a malha urbana e onde se localizam os serviços públicos, transportes coletivos, educação, saúde e oportunidades de emprego e a forma como as pessoas com mais posses tem melhor acesso a estes (Sassen, 2001).

Do ponto de vista marxista, defende-se que a segregação socioespacial ocorre, não só aquando do acesso aos serviços coletivos, mas também na atenção que as políticas públicas oferecem a cada grupo, assim como na própria estruturação espacial das cidades para a localização de infraestruturas de lazer (Sassen, 2001), acabando por funcionar como o meio de separação entre os ricos e os pobres (Sassen, 2001).

2.2- O Problema Habitação Social: Políticas Habitacionais e Planos de Realojamento.

A qualidade de vida é um termo com uma multitude de aspetos relacionados com o indivíduo (características pessoais e sociais) e com o meio envolvente (entendido como um fator determinante das condições de vida de um indivíduo, assim como, nas oportunidades e constrangimentos que este enfrenta) (Pinto, 2009), sendo o acesso à habitação um dos fatores considerados para a definição e avaliação de qualidade de vida.

Contudo, em Portugal, como na maioria dos países, sempre existiu uma profunda separação entre os indivíduos que conseguem ter acesso a um habitação digna e aqueles destinados à habitação social, providenciada pelo Estado, ou ainda aos que recorrem a outros meios como a autoconstrução ou a construção informal (Pinto et al., 2013). Assim, as questões relacionadas com a habitação têm vindo a ser analisadas pelas ciências sociais e políticas ao longo dos anos. As políticas de habitação têm focado a questão do défice de fogos habitacionais, olhando para o problema de um ponto de vista quantitativo acabando por, de certo modo, reduzir o problema habitacional a uma questão numérica, não respondendo os problemas sociais e outras questões associadas ao habitar: apropriação da casa, sentimento de pertença, identidade com o bairro (Palermo, et al., 2007).

Do ponto de vista da integração social, a habitação desempenha um papel fundamental na vida do indivíduo, uma vez que tem um papel importante na perceção de segurança, assim como é o lugar que permite juntar a família, expressar as crenças e a cultura (Palermo, et al., 2007). Por outro lado, as infraestruturas e os serviços urbanos, criam uma relação que permite ao morador ter acesso ao que se considera o “espaço urbano”, que não se esgota na casa (Palermo, et al., 2007). Do ponto de vista social, as questões da habitação deveriam ser tratadas de forma que o ser humano, enquanto “ser social”, tenha direito a um espaço próprio que providencie as necessidades de contacto ou isolamento, isto é, o espaço em questão deve oferecer ao mesmo tempo iguais condições de isolamento voluntário e de envolvimento social (Palermo et al., 2007).

Neste sentido, programas habitacionais que levaram a processos de realojamento foram importantes para o desaparecimento das “barracas”, um tipo de habitação precária e sem condições mínimas para o bem-estar das famílias, usualmente construído pela própria população. Resultavam do problema que existia no acesso à habitação por parte das camadas mais pobres, e tiveram como resposta do Estado, a construção de habitação social. Esta é uma tarefa do Estado, e municípios associados, cumprir as questões relacionadas com o direito à habitação e realojamento. Contudo, a delegação de competências para os municípios levantou alguns problemas nestes projetos (Araújo, 2018).

Embora o PIMP (Plano de Intervenção a Médio Prazo) e o PER (Programa Especial de Realojamento) tenham aparecido na década de 80 e 90, respetivamente, com o objetivo de resolver os problemas habitacionais em Lisboa, acabaram por se revelar insuficientes. Acreditava-se que os empreendimentos por eles previstos fossem a solução para garantir alterações no modo de vida das famílias afetadas e assegurar o contentamento residencial destas populações, ainda que existissem preocupações no que diz respeito à programação do espaço envolvente, aquando da formulação dos planos estruturados dos bairros. O sucesso dos mesmos era medido sobretudo através do número de famílias realojadas, bem como através da quantidade de alojamentos construídos (Araújo, 2018).

Os bairros são complexas entidades sociais com diversas formas, dimensões e dinâmicas que se encontram extremamente dependentes das relações, das situações e das representações que sustentam diferentes formas de interação social (Fernandes, 2015). Porém, estes são também o resultado das pessoas que neles habitam, do sentido de pertença e pelo sentido de comunidade e, nesta medida, quando os seus habitantes se encontram isolados e/ou associados a problemas sociais, acabam por se tornar espaços problemáticos de difícil gestão (Fernandes, 2015).

As respostas oferecidas pelas políticas públicas, embora sejam “politicamente” corretas, raramente oferecem uma solução que vá de encontro às expectativas e aspirações das pessoas (Araújo, 2018). Isto verifica-se porque não existe uma ligação entre as necessidades técnicas e urbanísticas com as necessidades de satisfação e bem-estar da população (Freitas, 1994), uma vez que esta resposta passa por realojar estas famílias em espaços com os quais não estão familiarizados e acabando, de certa maneira, por associar estas pessoas a estigmas que reforçam a sua segregação e ignorando as suas necessidades (Araújo, 2018).

Neste sentido, no que diz respeito às políticas de habitação social, pode-se dizer que estas não contribuíram para uma real situação de integração dos bairros e comunidades nas estruturas urbanas (Carreiras, 2018). Pode mesmo admitir-se que existe nas políticas de realojamento de

famílias carenciadas (em particular em bairros de habitação social) uma certa desconexão com diversas dimensões sociais, espaciais e económicas (Carreiras, 2018), sendo ainda importante considerar que a integração socioespacial de um bairro social se encontra à partida bastante comprometida, uma vez que se consideram os únicos beneficiários deste tipo de habitação a população mais vulnerável (Carreiras, 2018).

A segregação destes indivíduos nestas áreas tende a ignorar as questões da integração social, uma vez que coloca na sombra a existência de um conjunto de estigmas e preconceitos relativos aos bairros sociais, associando-os a situações de violência e insegurança, dificultado a sua integração socioespacial (Gonçalves et al., 2001). Desta forma, é bastante comum, em Portugal, apontar estas áreas como zonas a evitar pelos não-residentes, quer em percursos pedonais, quer em deslocações de automóvel, devido aos questões relacionadas com a insegurança e estigmas sociais (Fernandes, 2015).

Fatores como o elevado consumo de droga, conflitos e os “bandos de jovens” (Gonçalves et al., 2001) são frequentemente apontados como fatores de produção da imagem negativa destes bairros. Tal como, o facto de existir, tendencialmente nestes bairros, grande concentração de moradores de etnia cigana, uma comunidade fortemente estigmatizada na sociedade portuguesa (Fernandes, 2015). Este tipo de preconceitos e de problemas estimula a negatividade geralmente associada ao conceito de bairro social, acaba frequentemente por ser interiorizada pelos moradores do bairro (Fernandes, 2015) uma vez que o meio envolvente de um indivíduo é muitas vezes um fator determinante na forma como o mesmo se comporta e/ou é recebido pelos outros. O espaço habitado é ainda bastante importante para a normalização de certos comportamentos e costumes que, em certos casos, em áreas com características muito similares às anteriormente referidas, pode-se tratar de comportamentos de desviantes ou socialmente não aceites. (Sattersten, 2001).

Esta dimensão é um dos principais motivos que levam a uma avaliação crítica do Programa Especial de Realojamento (PER), aquando da sua implementação desde 1993, dado o estigma persistiu nos realojamentos em bairros sociais, dos habitantes vindos dos “bairros de lata”. Este já eram espaços estigmatizados, desvalorizados, segregados, onde a população se sentia discriminada e de certo modo invisível à cidade, mudando para áreas com carga social muito negativa, reforçando-a. (Quintas, 2008).

Em resumo, pode dizer-se que os bairros sociais se veem ligados a um tipo de discurso político que tem como objetivo oferecer à população de menores recursos melhores condições de vida, contudo a mudança é insuficiente, acabando por segregar e estereotipar as populações com uma

imagem de pobreza e agrupar os diversos grupos sociais nele abrangidos em espaços marginalizados (Araújo, 2018).

Assim, a questão do alojamento, e especialmente a imagem negativa muitas vezes associada ao gueto e ao isolamento social, traduz-se num complexo processo que acaba por condicionar, em parte, a apropriação do espaço por parte destas pessoas (Araújo, 2018), uma vez que nestas situações, é difícil criar uma identidade e uma relação face ao bairro que não esteja manchada pelo preconceito o que, conseqüentemente acabe por comprometer o modo de vida e as condições sociais destas populações (Araújo, 2018).

2.3- Bairros Sociais, o Estigma e os Jovens

Olhando para a realidade nacional, e tendo em conta a natureza dos bairros sociais portugueses, é possível verificar que existem nestas áreas níveis de vulnerabilidade social claramente superiores à média, sobretudo associados a taxas de desemprego significativas e pouca população com um curso superior, para além da elevada concentração de indivíduos com origem nos PALOP (Malheiros et al., 2016).

Porém, e embora a marginalidade e os comportamentos desviantes sejam razão sobre a qual se criam os estigmas, os bairros são entidades complexas dependentes de um conjunto de relações sociais que acabam por, também, promover a própria marginalidade. Isto é, existe na perceção externa do bairro, um determinado poder para a promoção, criação e/ou “manipulação” de uma identidade coletiva que poderá ser transferida para os que nele habitam (Marôpo, 2013).

A forma como estes indivíduos veem a representação do espaço onde estão integrados (espaço esse que apresenta muitas vezes uma carga social negativa muito grande) (Araújo, 2018), bem como a visão que os indivíduos têm de si mesmos, contribuem para a promoção de um determinado tipo de comportamentos, como violência, tráfico e/ou consumo de drogas e delinquência juvenil (Moura, 2003). Por sua vez, este tipo de comportamentos acaba por promover sentimentos de insegurança e desconfiança em relação a estes grupos, promovendo situações de marginalização e discriminação destes indivíduos. Isto é, existe uma forte ligação entre a interiorização de uma imagem negativamente estereotipada e a difusão de dinâmicas de conflito que acabam por gerar sentimentos de insegurança e, conseqüentemente, a marginalização do “outro” considerado responsável pelos sentimentos negativos (Pinto et al., 2000).

Este tipo de dinâmicas transforma o bairro num mecanismo de discriminação, levando à sua conversão num contexto de exclusão social e urbana, deixando a sua população numa situação ainda mais vulnerável socialmente (Pinto et al., 2000).

Por outro lado, estes tipos de comportamentos podem ainda ser vistos, por parte destes grupos, como uma forma de afirmação em relação àquele que marginaliza, dando ao indivíduo que se encontra numa posição social mais vulnerável o poder de, de certa maneira, se diferenciar do outro, instalando a ideia de um “nós” e os “outros” (Carvalho, 2013). Este tipo de mentalidade e esta necessidade de se afirmar como diferente do outro pode mesmo levar à promoção de comportamentos de oposição às autoridades, reforçando ainda mais as situações de marginalização e estigmatização destes grupos (Carvalho, 2013).

Neste tipo de territórios, socialmente excluídos ou desfavorecidos, onde as populações apresentam elevados riscos de exclusão social, são as crianças e os jovens que mais potencial apresentam para o rompimento do círculo vicioso e geracional da pobreza. Contudo, as dinâmicas comportamentais, anteriormente referidas, são ainda mais notórias nos jovens (em especial na adolescência), uma vez que têm um conhecimento diminuto de outra realidade, sendo este o meio em que cresceram e se desenvolveram, e tendo em conta a necessidade que existe nos adolescentes de se afirmarem (Benbenisthy et al., 2005). O bairro onde as crianças e jovens vivem e/ou crescem acaba por se tornar um fator preditivo do modo como se relacionam e como se comportam (Sattersten, 2001). Consequentemente, é um fator que exerce muita influência nas suas escolhas e nas oportunidades que acabam por ter ao seu alcance nas questões do quotidiano, de qualidade de vida e de cidadania (Benbenisthy et al., 2005).

A marginalização e estigmatização destes jovens, assim como a própria interiorização de determinados comportamentos, abrem as portas a um novo conjunto de problemas que podem compreender, desde questões da participação política e social dos indivíduos, ao acesso aos direitos sociais, como o direito à cidade (Gonçalves et al. 2020), reforçando, em especial, a marginalização destes grupos e dificultando a “saída” destes jovens da situação de vulnerabilidade económica e social em que se encontram (Benbenisthy et al., 2005). Neste sentido, existe nos estigmas poder suficiente para influenciar o quotidiano destes indivíduos uma vez que podem restringir as suas oportunidades (Gonçalves et al., 2020).

Nesta panóplia de problemas, impõem-se as questões relacionados com a educação, pois muitas vezes, as dificuldades que estes jovens apresentam na escola estão relacionadas com o distanciamento existente entre a família e a escola. Isto é, as dificuldades económicas e a baixa escolarização das famílias que habitam neste tipo de bairros não facilitam a participação nas

atividades da escola, uma vez que, muitas vezes, não existe tempo e/ou formação suficiente para conseguir acompanhar a educação dos filhos de uma forma realmente impactante (Raposo, 2007).

Por outro lado, no contexto dos bairros sociais portugueses, onde existe uma elevada concentração de indivíduos originários dos PALOP (Malheiros et al., 2016) a que acrescem as questões de concentração étnica (sobretudo da etnia cigana), parece existir uma reduzida preocupação inter e multicultural do programa escolar, não integrando interesses e preocupações específicas destes jovens, o que fomenta o desinteresse pela escola nestes grupos (Raposo, 2007).

Neste sentido, é ainda de relevar as questões culturais e da interiorização da carga social negativa anteriormente referidas, que levam os jovens a ver no desafio à figura de autoridade (o professor) (Carvalho, 2013) uma forma de afirmação da sua identidade. Assim como, a interiorização da ideia de que é assim que se deve comportar porque é assim que “as pessoas como ele” se comportam (Moura, 2003).

Os estigmas terão, mais uma vez, influência também na sua integração no mercado de trabalho, área onde o facto de “serem do bairro” e a desconfiança que se associa a uma pessoa com esta origem, se tornam motivos de exclusão no processo de seleção para uma determinada posição (Gonçalves et al., 2020).

Por outro lado, o desconhecimento, a falta de interesse e a “separação” em relação à sociedade como um todo, podem vedar-lhe o acesso aos direitos e deveres sociais, que mais tarde acarretam consequências na sua integração na sociedade enquanto cidadãos com direitos e deveres (Gonçalves et al., 2020).

Neste sentido, os jovens de etnia cigana, bem como jovens afro-descendentes são os que se encontram em situações de maior vulnerabilidade, uma vez que acumulam ao facto de viverem num bairro social, com as discriminações étnicas e raciais a que estão expostos (Raposo, 2007), bem como, no caso dos imigrantes, questões relacionadas com a língua, com o seu estado documental, e com a falta de conhecimento sobre a realidade do país, os direitos e deveres que lhes correspondem (Guia, 2015).

Todos estes fatores acabam por resultar numa maior dificuldade por parte dos jovens para superar a situação de vulnerabilidade social em que se encontram, existindo uma significativa reprodução geracional do tipo de integração no mercado de trabalho (Raposo, 2007), ou seja, os jovens acabam por arranjar o mesmo tipo de emprego com os mesmos rendimentos e/ou similares aos seus pais.

Assim, os estigmas, e por vezes a falta de estudos, vão traduzir-se nos principais obstáculos que os jovens destes bairros vão ter de enfrentar aquando da sua integração no mercado de trabalho (Raposo, 2007), acabando por limitar as oportunidades que lhes são oferecidas. De um modo geral, os estigmas e preconceitos acabam por dificultar a “mobilidade” económica e social dos jovens em questão, uma vez que esta depende não apenas do seu desempenho escolar e dos seus esforços pessoais para se integrar no mercado de trabalho, mas também da noção de desconfiança que existe em relação a eles (Treuke, 2019).

2.4- O Estigma e os Media.

Quando se abordam as questões do estigma, é preciso também analisar a forma como os media reportam os incidentes que acontecem nestas áreas e/ou situações envolvendo pessoas oriundas destes bairros. Este é também um fator de influência na imagem que leva à criação dos estigmas, bem como na produção da ideia da identidade negativa assumida pelos indivíduos do bairro. Os media ocupam um importante lugar na sociedade contemporânea, resultando não só da forma como permitem a produção, reprodução e difusão de notícias, mas também das diversas formas como este poder exerce influência na sociedade (Santin, 2006). Esta influência pode dar origem a uma nova maneira de pensar (costumes, valores, conceitos, etc.), que orienta e cria o senso comum, sobretudo quando é priorizada a notícia em si, sobre o crime (Santin, 2006). Vários são os estudos sobre o acompanhamento de atos criminosos nos media a nível mundial, que defendem que as narrações de factos criminosos se perdem na exposição do modo como foi perpetrado o crime e, por consequência, escassas são as situações onde esses factos são examinados a partir de uma perspetiva crítica. O mais comum é a sua representação como simples práticas de pessoas mentalmente instáveis ou simplesmente maldosas. Os problemas geralmente relacionados pelas ciências sociais às práticas de atos criminais são usualmente ocultados na descrição dos casos (Pina, 2009). Existe na corrida desenfreada às notícias e ao que é lucrativo, uma simplificação da realidade, onde se divide a sociedade em “bons” e “maus”, acabando por, de certa forma, tomar o lugar do acusado, julgando e condenando (Santin, 2006). Esta relativa desinformação referente ao criminoso, a falta de uma maior averiguação sobre os atos criminosos e a referência da nacionalidade, etnia ou lugar de origem de um determinado indivíduo sem a necessária contextualização, pode traduzir-se num conjunto de rótulos que, ao serem criados, colocam alguns grupos em situações de risco (Gomes, 2011).

Destaca-se assim, a importância das representações sociais nos media na promoção de uma possível relação entre a imigração, etnia e área de residência e a criminalidade perante a opinião

pública (Wortley, 2009). As histórias produzidas pela imprensa produzem e reproduzem as lógicas do poder instituído e criam estereótipos que agregam o exercício de atos criminais a certos grupos sociais (Guia, 2015).

Os avanços tecnológicos da comunicação levaram ao desaparecimento das limitações físicas, espaciais e temporais que os meios de comunicação tinham no passado, dando-lhes hoje uma dimensão globalizada que permite alcançar rapidamente um grande número de pessoas. Contudo, a informação é um direito e um dever, que possibilita a participação cívica e o acesso à justiça numa comunidade. O papel que os meios de comunicação social devem desempenhar é, nesta conjuntura, importante e deve sê-lo ainda mais na sociedade global e digitalizada de hoje (Silva et al., 2017). Embora existam ainda muitos “problemas” na configuração de como alguns incidentes são transmitidos nos media, a comunicação social apresenta um importante papel na desmistificação de estigmas e preconceitos. Ainda assim, destaca-se uma determinada consciencialização por parte de alguns dos mais importantes meios de comunicação nacional para cumprir a recomendação à adesão ao Princípio de não-referência da origem racial e étnica, cor, nacionalidade, território de origem e situação documental, criada em 2018.

III- Bairro Padre Cruz

3.1- Enquadramento social e espacial

O Bairro Padre Cruz encontra-se localizado a norte, nos limites da freguesia de Carnide em Lisboa (Figura 3.1). O Bairro é habitado por famílias e seus descendentes oriundos de diferentes zonas de Lisboa, pessoas que moravam em áreas de génese ilegal que levaram ao seu realojamento no Bairro Padre Cruz.

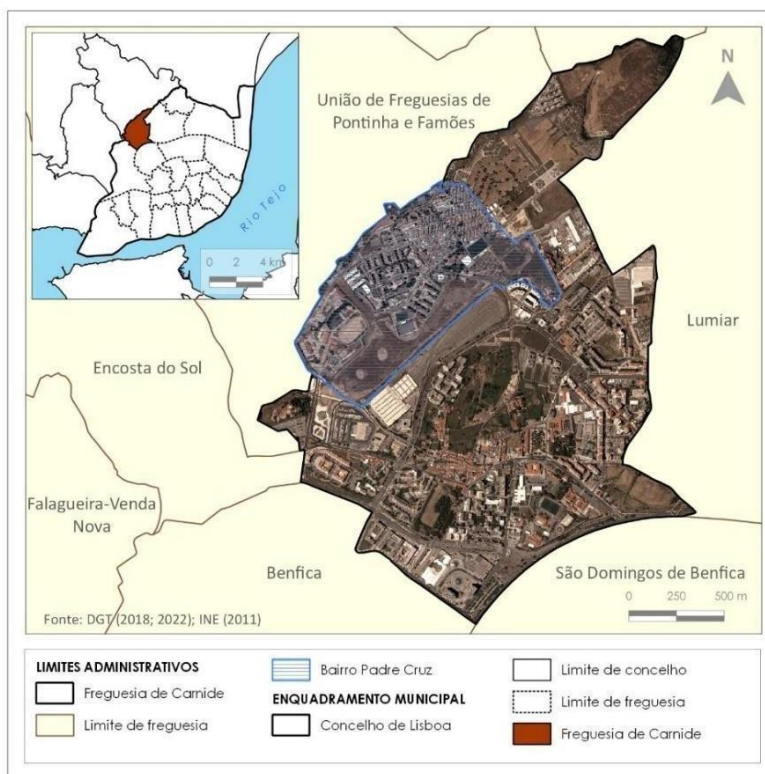


Figura 3.1: Enquadramento Geográfico do Bairro Padre Cruz (Limite do Bairro Padre Cruz através dos limites das Secções e Subsecções do INE (2011) (Elaboração própria)

Este bairro surgiu no final dos anos 50, com o objetivo de realojar os habitantes do Bairro da Quinta da Calçada (bairro esse que estava previsto desaparecer com as obras da Cidade Universitária) tendo esta primeira fase consistido numa lógica de construção de casas desmontáveis (Araújo, 2018, 46).

Estas casas foram demolidas cerca de 30 anos mais tarde, no final da década de 1980, princípio dos anos 1990, tendo a generalidade dos agregados familiares sido realojada em novos lotes, construídos, entretanto, no bairro.



Figura 3.2: Tipologia das primeiras casas no Bairro Padre Cruz. (fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa)

No início dos anos 60 foram construídas cerca de 917 novas casas, de carácter unifamiliar que se distribuía por 23 ruas e ocupavam cerca de 12 hectares (área conhecida dentro do bairro como bairro de alvenaria). Foi ainda nesta altura que surgiram as primeiras infraestruturas de apoio à população, nomeadamente a Escola Primária, Igreja, Mercado, Centro Social, Lavadouros, Salão de Festas, Sede do Clube de Futebol “Os Unidos” e Zona Desportiva (Pina, 2019).



Figura 3.3: Construção do bairro de alvenaria (fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa)

Com o tempo, o bairro acabou por expandir-se através de sucessivos processos de realojamento em particular no âmbito dos programas PIMP (Plano de Intervenção a Médio Prazo para a Habitação Social de Lisboa) e PER (Programa Especial de Realojamento), tendo sido construídos cerca de 113 Lotes (de 3 e 5 pisos), perfazendo 2316 fogos (Pina, 2019). Na atualidade, o bairro encontra-se num processo de requalificação, tendo mesmo sido apresentada e aprovada em 2009 uma candidatura ao Programa Integrado de Requalificação e Inserção de

Bairros Críticos do QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional) pela Câmara Municipal de Lisboa (Pina, 2019).



Figura 3.4: Lotes PER do Bairro Padre Cruz (fonte: Junta de Freguesia de Carnide)

A primeira intervenção realizada no âmbito do processo de requalificação, foi a construção de equipamentos coletivos, intervenção identificada como as fases A0 e A1, sendo a A0 um edifício de equipamentos sociais com 30 residências assistidas e a A1 um campo de jogos] (Pina, 2019). Numa segunda fase, a CML avançou com uma intervenção construindo habitações para realojamento da população residente nas casas de alvenaria (Pina, 2019).

De um modo geral, é possível estabelecer uma relação entre as faixas etárias dos moradores do bairro e as diferentes fases construtivas do bairro (Araújo, 2018). Isto é, na zona de alvenarias (que é uma das primeiras fases de construção do bairro) prevalece população mais envelhecida (65+ anos), em contrapartida, nas fases relativas aos PIMP e PER predominam as populações com idades entre 25-64 anos (Araújo, 2018, 121 - 123).

De acordo com os censos de 2011, existiam à data, na freguesia de Carnide, 22.415 habitantes, sendo que habitavam no bairro 6.468 pessoas, porém, de acordo com o diagnóstico social realizado pela Associação de Futebol de Rua (localizada no bairro), em 2021, habitavam no bairro 5.247 pessoas das quais cerca de 25% podem ser considerados jovens, sendo que 17% dos mesmos são ainda menores de idade.

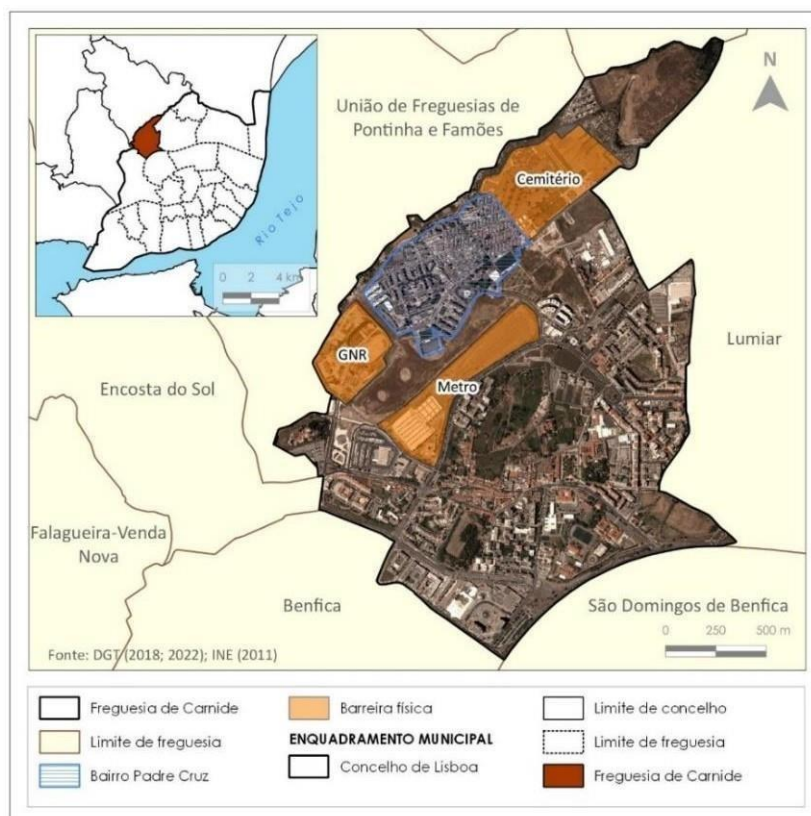


Figura 3.5: Barreiras Espaciais do Bairro Padre Cruz (Barreiras físicas que delimitam o Bairro Padre Cruz) (Elaboração própria)

No que diz respeito à malha urbana, pode considerar-se que esta se encontra desagregada da cidade, uma vez que o bairro está rodeado de barreiras físicas (Estrada da Circunvalação a Norte, Parque de Material e Oficinas do Metropolitano de Lisboa a Sul, a Oeste a Unidade de Intervenção da GNR e a Este o Cemitério de Carnide) que, como se pode observar na Figura 3.5, acabam por promover o seu distanciamento face ao resto da cidade (Neves, 2019). Por outro lado, o bairro não possui muitos acessos e não se encontra abrangido por um elevado número e/ou tipos de transportes (Neves, 2019) o que, tendo em conta a natureza económica da grande maioria dos moradores, acaba por dificultar a sua mobilidade para dentro e fora do bairro (Neves, 2019).

Por outro lado, é uma zona que se apresenta provida de diversos serviços, uma vez que se verifica a existência de creches, jardins de infância e escolas do 1º ao 9º ano, posto de correios, lar de idosos, lavandarias, barbearias, mercado, centro cultural, esquadra da polícia, etc. (Neves, 2019).

Neste sentido, de acordo com os dados apurados pelo diagnóstico social, realizado pela Associação Nacional de Futebol de Rua (ANFR), em 2021, esta era uma área que apresentava. Elevando grau de isolamento social e/ou um elevado défice de literacia intercultural. Este

território era ainda considerado uma área muito vulnerável à exclusão social, tendo sido identificado pelo município como uma área de Intervenção Prioritária. Este documento admitia que, apesar da intervenção ocorrida no território ter vindo a ajudar a mitigar os efeitos negativos relacionados com as questões da pobreza e exclusão social, o bairro continua a apresentar índices de desigualdade de género e de desigualdade étnica, risco de pobreza acrescido de crianças/jovens e de famílias monoparentais muito superiores à média nacional. Este diagnóstico demonstrou ainda que têm existido algumas melhorias no diálogo intercultural e na consciencialização da igualdade de género nos últimos anos, com impactos positivos, numa maior participação feminina e numa maior facilidade de integração no mercado de trabalho por parte de indivíduos de etnia cigana e afrodescendentes.

Devido à natureza do Bairro Padre Cruz, a maioria da população que nele habita apresenta fracos recursos financeiros (Neves, 2019), contudo, de acordo com o diagnóstico social anteriormente mencionado, em 2021, as crianças e os jovens com menos 18 anos eram a faixa etária que se apresentava mais vulnerável. Este fator está relacionado com a precariedade do emprego e ao tipo de agregado familiar onde estão inseridos. De acordo com os censos de 2011, no Bairro Padre Cruz, cerca de 7,89% da população estava desempregada e cerca de 43% dos residentes não apresentavam atividade económica, sendo este um valor superior ao apresentado na freguesia de Carnide (33,22%) (Araújo, 2018, 123).

No que diz respeito à educação, e de acordo com a informação recolhida pelos censos de 2011, a taxa de analfabetismo totalizava 8,78% da população, sendo esse valor um valor muito superior à média do concelho de Lisboa (2,96%) (Araújo, 2018,122). Neste sentido, o grau de escolaridade mais expressivo seria o 1º ciclo com 34,19% dos residentes, considerando-se ainda que apenas cerca de 4,01% da população tinha concluído o ensino secundário (Araújo, 2018, 122). Em relação ao ensino superior, verificou-se que apenas cerca de 1,38% dos residentes apresentavam este grau de escolaridade (Araújo, 2018,123).

Por outro lado, o estudo realizado pela ANFR, anteriormente referido, considera que em 2019 cerca de 40% da população do bairro tivesse problemas de iliteracia e defendia que os níveis de abandono escolar também se encontravam acima da média, considerando que apenas 6% dos alunos termina a escola com sucesso e apenas 1% chega a frequentar a universidade. Neste sentido, o estudo defendia que os jovens do Bairro Padre Cruz apresentam grandes desigualdades nas oportunidades de mobilidade social, tendo em conta não só os dados anteriormente referidos, como também o facto de a maioria dos agregados familiares apresentar baixas qualificações e de que em cerca de 737 alunos que existiam no bairro, 51 encontravam-

se numa turma de PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação: é uma medida socioeducativa que apenas deve ser adotada depois de exaustas todas as outras medidas de integração escolar, esta medida visa o cumprimento da escolaridade obrigatória e a inclusão social e deve ser de caráter temporário e excecional) e outros 142 alunos em PSAI (Programas personalizados de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão). Os estudantes imigrantes eram quem apresentava mais dificuldades na escola, confirmando-se assim uma repetição dos padrões de défice de competências escolares e baixas qualificações que se verificou nas famílias.

Neste sentido, e no que diz respeito às questões socioeconómicas, *“a população do Bairro Padre Cruz encontra-se numa posição díspar, comparativamente à freguesia de Carnide e ao concelho de Lisboa, uma vez que apresenta valores de certa maneira negativos nos diversos indicadores analisados (Araújo, 2018,124)”*.

No que diz respeito à satisfação relativamente à habitação, Coelho (1998) considera necessário ter em conta três grandes temáticas que influenciam a satisfação residencial, sendo a primeira a integração/adequação social; segunda, a “atratividade” do meio residencial e da arquitetura dos edifícios em particular; e por fim, a capacidade de uso do exterior. Para o autor, deve-se ainda ter em consideração elementos concecionais que promovem uma maior capacidade de apropriação do espaço (Coelho, 1998). Por outro lado, para Pinto (1994) existem outras três dinâmicas chave a ter em conta: as características das populações; as características dos novos modelos de habitat; as políticas e princípios de realojamento empreendidos.

Neste sentido, e de acordo com os dados recolhidos por Araújo (2018), a maioria dos moradores considerou que o realojamento contribui para melhorar o modo de vida e o bem-estar familiar. Contudo, em termos das questões do espaço social, há o reconhecimento que estas mudanças resultaram na perda de relações de sociabilidade construídas ao longo de anos com os diversos vizinhos, acabando por afetar os seus modos de vida (Araújo, 2018). Estas mudanças promoveram alterações na forma como os indivíduos entendem a apropriação do espaço da casa e do espaço social, pois, enquanto na barraca estes dois espaços se interligavam, isto é, havia uma continuidade entre o espaço da casa e o espaço da rua (o espaço social) onde são construídas as relações de proximidade, amizade e/ou companheirismo com os vizinhos (Araújo, 2018), no atual espaço habitacional não se verifica essa continuidade, promovendo uma determinada insatisfação em relação ao espaço comum e à noção de comunidade, existindo a ideia que essas dimensões desapareceram com a mudança.

IV- Componente Prática: os Projetos e a Perceção do Estigma

4.1- O estágio

Como anteriormente referido, o estágio decorreu entre outubro de 2021 e junho de 2022 e tratou-se de um projeto proposto por mim à Junta de Freguesia de Carnide. Considerou-se que, devido à natureza sensível do tema, bem como à dificuldade na obtenção de informação e dados, seria necessário realizar uma análise muito aproximada da realidade, o que obrigaria à integração no dia a dia do grupo em análise.

Assim, durante os meses no qual o estágio decorreu, integrei três projetos no Bairro Padre Cruz: “Bairro aos meus olhos”; “Bola para a Frente”; “Espaço Jovem”, sendo que todos se relacionam com a questão do estigma e/ou com jovens, o meu objecto de estudo. Durante este tempo, observei, participei e/ou organizei atividades que se realizaram no decorrer dos projetos em questão. Durante este período, fui também tendo conversas exploratórias e semi-estruturadas com os jovens sobre os temas em questão, tentando integrar os temas constantes do quadro 4.1, de forma a tentar compreender a sua perspetiva relativamente ao estigma e à perceção exterior do bairro.

Relativamente ao projeto “Espaço Jovem”, devido às faixas etárias em questão, realizei uma atividade prática com os jovens, centrada na compreensão do conceito de estigma e da forma como se já o tinham experienciado.

Em simultâneo, durante este processo, fui recolhendo e analisando notícias relativas ao bairro, de forma a perceber como estas poderiam estar a promover e/ou reproduzir os estigmas.

Quadro 4.1: Diretrizes temáticas para as conversas informais.

Fonte: elaboração própria

Dimensões de análise	SUB dimensões	Perguntas-tipo	Objetivo da pergunta
Trajetória de vida	Nascimento Mudanças de habitação no bairro/fora do bairro	Idade; profissão; mora no bairro;	Caracterização dos intervertidos.
Relação com o bairro	vive trabalha tem amigos tem familiares participa em atividades locais	Isto estará na parte da caracterização Estudas/trabalhas no bairro? Onde vivem os teus maiores amigos? Onde vive a tua família mais direta sem ser o teu agregado familiar? Participas em atividade locais?	Estabelecer a ligação do indivíduo ao Bairro.
Satisfação com o bairro	Casa Bairro Vizinhos/amigos	Se vives no bairro gostas da área onde vives. Porquê? O que gostas mais e menos?	Estabelecer a ligação do indivíduo ao Bairro.
Representações sobre o bairro	A minha imagem do bairro A imagem dos outros Influência da imagem do bairro nas oportunidades de vida e na identidade do próprio identidade prescrita (porque vive no bairro) versus identidade assumida (a tua) Apreciação sobre a evolução do bairro	Qual a imagem que achas que o bairro tem para as pessoas de fora? Concordas com esta imagem? Achas que há preconceitos em relação aos moradores do bairro? Se sim, de que tipo? Consideras que esta imagem/existência de preconceitos é positiva ou negativa para a tua vida? Em que medida? Achas que esta imagem afeta as pessoas do bairro? Como? Como achas que tem vindo a evoluir o bairro?	Interpretar e perceber a perceção que o indivíduo tem sobre o bairro. Perceber se qual a influência que o preconceito existente tem na vida dos indivíduos.
Sentimento de pertença e identidade com o bairro	Sou do bairro/vivo no bairro o que faz a identidade do bairro	Sentes que és do bairro? O que achas que define o bairro? Se pudesses mudarias de sítio para viver? Se sim, para onde? Pensas algum dia fazê-lo?	Identificar a noção de pertença
Expectativas futuras	como vai evoluir o que poderia ser feito apreciação sobre atividades/projetos desenvolvidos no bairro	na tua opinião, que se pode fazer para alterar os preconceitos existentes relativamente ao bairro? Que tipo de projetos podem ajudar a melhorar a imagem do bairro.	Identificar a perspetiva e os fatores de mudança.

4.2- As representações dos medias: Estigmas associados ao bairro.

Como anteriormente mencionado, tráfico de substâncias ilícitas, insegurança e violência são muitas vezes problemas associados pela sociedade aos bairros sociais (Gonçalves et al., 2001; Fernandes, 2015). Contudo, a propagação da ideia de que os bairros sociais são áreas de extrema insegurança também se prende com a forma como estes são representados nos media. Esta análise assume que os media não só contribuem para a construção da realidade social, como também, muitas vezes, permitem a reprodução e/ou a imposição de estereótipos. Neste sentido, tendo em conta que o Bairro Padre Cruz é maior bairro social da Península Ibérica, teve-se como objetivo identificar as questões que a imprensa mais associa ao bairro e, conseqüentemente, promover a construção dos estigmas e preconceitos que se ligam às pessoas que nele habitam. Escolheu realizar-se uma análise de notícias que relatam acontecimentos que tenham ocorrido no bairro (positivos ou negativos) e que tenham sido publicadas em quatro dos jornais portugueses mais vendidos (Diário de Notícias, Correio da Manhã, Público e Jornal de Notícias), entre janeiro de 2012 e junho de 2022. Neste sentido, foi aplicada uma metodologia similar à aplicada por Silvia Gomes (2011) onde se considera o Correio da Manhã um jornal “popular” e os outros três ditos de “referência”. As análises dos artigos dos jornais têm como objetivo perceber qual a imagem do bairro que poderá estar a ser reproduzida.

As palavras e/ou frases chaves utilizadas na pesquisa dessas notícias foram:

❖ Bairro Padre Cruz

❖ Carnide

❖ Bairro social em Lisboa

Foram analisadas 35 notícias relacionadas com o Bairro Padre Cruz, dentro do período de 10 anos anteriormente referido. Durante a análise, percebeu-se a existência de um tom específico usado aquando da descrição de incidentes no Bairro Padre Cruz. Este apresenta como objetivo apelar as emoções de quem esta a ler a notícia, através da escolha de títulos que podem ser considerados menos objetivos. Este tipo de tom é usualmente utilizado de duas maneiras. A primeira usa um tom de “vitimização” dos envolvidos, evidente nas notícias mais recentes que apresentavam títulos como “(...) *Famílias estão a ser despejadas das casas que ocuparam no Bairro Padre Cruz*”, sugerindo uma realidade trágica do acontecimento quando o principal objetivo era retratar o processo de despejos de um conjunto de pessoas que ocuparam casas sem condições e de forma ilegal no bairro. O artigo continua dizendo “*Famílias vulneráveis, muitas delas com crianças e sem dinheiro para pagar rendas no centro da cidade, vivem no bairro*

social, mas agora estão impossibilitadas de regressar às casas em que habitavam. Outras pessoas, no entanto, estão barricadas dentro das casas (...)” (Correio da Manhã, 2022). No artigo, quase não é mencionado a forma como as casas foram ocupadas, nem a falta de condições que têm e/ou o facto de serem lotes que estavam previstos serem demolidos. O mesmo tipo de narrativa de “manipulação” dos sentimentos do leitor é sentido na cobertura feita pelos outros três jornais, embora estes tendam a deixar claro que as casas tinham sido ocupadas de forma ilegal. Focaram-se sobretudo no facto das famílias em questão tenham tentado regularizar a situação, não tendo conseguido devido às burocracias necessárias e ao tempo de espera a que este tipo de processo obriga [*“(...) Mães e filhos que ocuparam casas foram à Câmara de Lisboa procurar soluções (...)*” (Público, 2022)].

Esta mesma narrativa é constantemente aplicada na cobertura de notícias relativas a despejos e/ou situações de risco de despejo no Bairro Padre Cruz. Em 2019, pode ler-se do Correio da Manhã, numa notícia relativa a nove famílias em risco de despejo: [*“(...) O desespero levou estas mães a pegarem nos filhos e a ocuparem casas de habitação social que estavam vazias. Vivem com medo que a polícia lhes bata à porta (...)*”]. No mesmo jornal, em 2016, lê-se *“Família com grávida e dois bebés despejada: Casal de jovens ocupa casa camarária de forma ilegal há vários meses, mas garante que quer pagar renda (...)*”.

A segunda forma usa um tom de “vilanização” dos acontecimentos e/ou dos envolvidos, onde a reportagem acaba por se perder na exposição da forma como foi perpetrado o acontecimento, e/ou o crime. Um exemplo deste tipo de discurso são as notícias publicadas em agosto de 2020 que tinham como objetivo retratar uma situação de desentendimento entre os moradores que terminou com quatro pessoas baleadas [*“Quatro baleados em desordem no Bairro Padre Cruz (...)*” (Diário de Notícias, 2020)]. Embora todos os jornais em análise tenham seguido o mesmo tipo de narração, na notícia publicada pelo Público foca o facto de ainda não se saber quantas pessoas estavam envolvidas e não são mencionadas as razões que levaram ao acontecimento [*“Comando Metropolitano da PSP de Lisboa adianta que as vítimas têm feridos ligeiros. Não se sabe quantas pessoas estão envolvidas ao certo (...)*”]. A notícia acaba por sugerir que o bairro pode ser um lugar perigoso, uma vez que possíveis moradores armados ainda se encontram em liberdade e por identificar pelas autoridades.

Por outro lado, o Jornal de Notícias e o Diário de Notícias escrevem que se acredita ter-se tratado um ajuste de contas que teve origem com o furto de uma mota – Jornal de Notícias: [*“(...) Quatro homens, entre os 27 e os 35 anos, foram baleados ao início da tarde desta quinta-feira, no Bairro Padre Cruz, em Lisboa. Na origem dos desacatos terá estado o roubo de uma mota (...)*”].

Um homem de etnia cigana roubou a mota a um homem negro e desmontou-lhe a mota para tirar umas peças (...). A vítima do furto deu uma tarefa a quem lhe partiu a mota, juntamente com amigos, ontem à noite, e o homem agredido disse que ia vingar-se deles (...)” – este tipo de discurso, e embora se trate de uma transcrição direta daquilo que uma testemunha disse ao jornal, pode sugerir uma realidade em que os acontecimentos se deram porque os envolvidos eram de etnia cigana e/ou de raça negra, o que promove e/ou reproduz alguns dos preconceitos e estigmas mais frequentes relativamente a estes dois grupos. Pode-se ainda afirmar que esta notícia não respeita a recomendação à adesão ao Princípio de não-referência da origem racial e étnica, cor, nacionalidade, ascendência, território de origem e situação documental (criada em 2018), pois identifica a origem racial e etnia dos envolvidos.

O mesmo tipo de narrativa é mantido pela maioria dos jornais na cobertura de incidentes deste género, trate-se de rixas ou posse ilegal de arma [*“Rixa entre 50 pessoas num bairro em Lisboa acaba com três detidos (...). Agentes da PSP foram insultados por quatro homens que entraram à pressa num carro (...). Uma rixa com 50 pessoas, no bairro Padre Cruz, em Lisboa, resultou na detenção de três homens, de 21, 29 e 30 anos, por posse de armas ilegais (...)*” (Correio da Manhã, 2021)], assaltos à mão armada e/ou violentos [*“(…) Ladrões entraram numa residência onde estava uma família e roubaram dinheiro de um cofre, telemóveis e joias (...). O crime ocorreu no Bairro Padre Cruz, na freguesia de Carnide (...)*” (Correio da Manhã, 2021); *“(…) Dois detidos por roubo em casa dos baleados em rixa no bairro Padre Cruz(...)*” (Correio da Manhã, 2020) ; *“Um motorista de táxi, de 72 anos, foi violentamente agredido a soco por dois clientes e expulso do próprio carro (...) na rua Professor Almeida Lima, no bairro Padre Cruz (...)*” (Correio da Manhã, 2017); *“Três homens armados e encapuzados assaltaram segunda-feira à tarde uma farmácia no Bairro Padre Cruz (...)*” (Correio da Manhã, 2016)], violação, abuso de menores [*“homem de 46 anos suspeito de ter abusado sexualmente da sobrinha, uma menina de seis anos (...). Os crimes ocorreram (...) dentro da casa da irmã do agressor (...) no bairro Padre Cruz (...)*” (Correio da Manhã, 2013); *“condenados os pais que maltratavam menina de 6 anos (...) a família viva no Bairro Padre Cruz (...)*” (Público, 2017)] ou delinquência juvenil [*“(…) A polícia deteve (...) um gang juvenil que se dedicava a fazer furtos pelo método de arrastão num supermercado (...). Os detidos têm entre 14 e 17 anos (...) os jovens moram no Bairro Padre Cruz e na Serra da Luz (...)*” (Correio da Manhã, 2016)].

Destaca-se a constante sugestão de um espaço perigoso, onde habitam pessoas mentalmente afetadas ou simplesmente más.

Este tipo de discurso, seja num tom de “vitimização” ou de “vilanização”, pode contribuir para a “desumanização” destas pessoas que habitam no bairro. Isto pode ocorrer através da sua identificação com um grupo no geral [*“Moradores de bairro de Lisboa amarram homem suspeito de estar infetado (...). A PSP foi chamada ao Bairro Padre Cruz, em Lisboa, após populares amarrarem um homem a um varandim por terem suspeitas que está infetado com Covid-19 e não tomava as precauções exigidas pelas autoridades de saúde (...)* (Diário de Notícias, 2020); *“(...) A população alega que o vizinho sabe que está infetado há vários dias. Mas ignora as recomendações das autoridades de saúde no sentido de permanecer em confinamento na sua habitação (...) que este se desloca com frequência pelo bairro, sem sequer usar máscara de proteção, colocando em risco os restantes moradores e suas famílias* (Jornal de Notícias, 2020); *“(...) O homem foi amarrado a um varandim e a PSP chamada ao local, (...) a polícia confirmou a ação popular sem revelar quaisquer outros detalhes (...)*” (Correio da Manhã, 2020)], ou através da objetivação dos mesmos [*“Câmara de Lisboa realoja morador que vive em barracão no terreno da nova Feira Popular (...)* (Público (2017); *Jornal de Notícias (2019): “(...) 24 famílias realojadas em casas novas no Bairro Padre Cruz (...)*”] e através da redução da pessoa a maus comportamentos [*“Homem, agora com 26 anos, violou em 2012 uma colega, de 14 anos, no regresso da escola. Foi detido no bairro Padre Cruz em Lisboa”* (Correio da Manhã, 2020)].

Neste sentido, a constante redução dos indivíduos a “parte do bairro” e a constante menção do próprio bairro na descrição dos eventos, inevitavelmente, resultam na promoção da ideia de que se trata de um lugar perigoso. Por outro lado, com a identificação da origem racial e étnica dos envolvidos na notícia, promove-se a reprodução dos preconceitos existentes em relação à etnia cigana e aos indivíduos de raça negra.

O mesmo tipo de tom, cujo objetivo é manipular as emoções do leitor, pode também ser sentido na cobertura mediática que em 2016 se fez na escolha do Bairro Padre Cruz como palco para um Festival Internacional de Arte Urbana [*“Bairro Padre Cruz acolhe Festival de Arte Urbana de Lisboa”* (Jornal de Notícias, 2016); *“Arte urbana mudou a cara do maior bairro social da Europa”* (Diário de Notícias, 2016)]. Destaca-se a constante menção do conceito de “bairro social” [*“O maior bairro social da Europa transformado em galeria a céu aberto”* (Diário de Notícias, 2016)] que, apesar de não ser incorreta, promove o constante destaque de um conceito que apresenta uma grande carga negativa associada. Por outro lado, a publicação de artigos cuja temática é a discussão da segurança do festival, tendo em conta a sua localização,

promove e/ou reproduz preconceitos relativos ao bairro. O mesmo acontece como as fotografias usadas.



Figura 4.1: Fotografia do Bairro Padre Cruz (Fonte: Orlando Almeida /Jornal de Notícias)

A figura acima retrata uma fotografia usada para ilustrar a notícia do Jornal de Notícias intitulada “*O maior bairro social da Europa transformado em galeria a céu aberto*” e nela observamos aquela que é uma das áreas mais degradadas do bairro. Neste sentido, a escolha da imagem, e tendo em conta que o estado de conservação do bairro e a insegurança que nele existe são várias vezes abordados durante o artigo em questão, acaba por promover uma imagem negativa de insegurança e degradação, nomeadamente através da escolha do local onde se tirou a fotografia e/ou através das mensagens que se podem ler nas paredes (“*entra com respeito e serás respeitado*”).

As questões mais mencionadas pela literatura (Gonçalves et al., 2001; Fernandes, 2015) como sendo os principais problemas destas áreas são a falta de qualificações, a violência e insegurança. O tom usado nas notícias acaba por promover estigmas e preconceitos, o que, conseqüentemente, contribui para a reprodução e desenvolvimento dos mesmos perante a opinião pública (Pina, 2009; Caeiro et al., 2015). Por outro lado, a breve menção da etnia e origem racial de indivíduos envolvidos nestes incidentes promove desconfianças em relação a estes grupos sociais, deixando-os numa situação ainda mais vulnerável, uma vez que não é só uma questão de onde se mora, mas também uma questão de discriminação racial e étnica.

4.3- Projetos:

4.3.1- Projeto Bola para a Frente

O projeto “Bola para a frente” é um projeto da Associação Nacional de Futebol de Rua (ANFR) e deriva da primeira experiência piloto da ANFR-FUTRUA, em 2009. Este projeto utiliza o futebol de rua como um método de intervenção social, tendo como objetivo principal o trabalho com a comunidade no que diz respeito às áreas da saúde e estilos de vida saudáveis, igualdade de oportunidades, diálogo intercultural, inclusão social, solidariedade e responsabilidade social, bem como a área do desenvolvimento humano e a promoção de valores de paz.

O futebol de rua traduz-se numa competição intrinsecamente social, contudo, do ponto de vista técnico, baseia-se nas regras dos técnicos e nas regras do futebol normal, embora apresente alguma adaptação, uma vez que os objetivos do futebol de rua não passam pela procura por vencedores, melhores equipas ou os melhores jogadores, mas sim pela procura da construção de uma estrutura social que transmita valores, sentido de compromisso social e autoconfiança, através da prática de uma atividade. Como esta modalidade não obriga a um grande investimento em termos de infraestruturas, acaba por se tornar atrativa para os jovens e para os que apresentam menos posses económicas.

Neste sentido, o futebol de rua acaba por se tornar numa forma subtil e sedutora de transmitir valores sem que, na maioria das vezes, os participantes se apercebam. O objetivo é que mais tarde estes hábitos e ideias se venham a refletir noutros aspetos da vida daqueles que o praticam. Por outro lado, os torneios não competitivos, os treinos e intercâmbios, com projetos de desporto inclusivo que a ANFR promove, têm como objetivo trabalhar e consolidar tópicos como o desenvolvimento e construção da confiança, autoestima, autoconhecimento, técnicas de comunicação, cooperação, afirmação, tolerância à frustração, gestão de conflitos, espírito de equipa, igualdade de género e interculturalidade, entre outros valores que permitirão aos jogadores mais ferramentas para a sua vida em sociedade e para uma inclusão social mais fácil. Por outro lado, o projeto “Bola para a frente” não se limita ao futebol de rua, uma vez que também se distingue pelo trabalho de encaminhamento e reintegração escolar de crianças e jovens que tenham abandonado a escola precocemente, através do Gabinete de Atendimento e Encaminhamento e de Atividades de prevenção do abandono e insucesso escolar (exemplos destas atividades são o treino de competências psicossociais, a produção de uma oficina de estudo, etc.). Neste sentido, destaca-se também o conjunto de atividades lúdicas e pedagógicas que o projeto tende a organizar (como campos de férias, férias desportivas, visitas culturais e de estudo) e o facilitamento do acesso a tecnologias de informação, através do seu centro de

informática, que se caracteriza por uma utilização livre e pelo apoio à procura de emprego. Neste projeto não existem idades máximas ou mínimas para participação e encontra-se aberto a qualquer pessoa (em especial aos jovens) que se queira juntar, destacando-se pela proximidade com a população.

O gabinete de apoio ajuda os habitantes do bairro, no que diz respeito as questões burocráticas (acesso a subsídios, regularização de documentos e/ou situação de emprego). Permite, ainda, a formação de uma relação de confiança entre a população e os técnicos, o que favorece a confiança que os pais depositam nos técnicos, facilitando, assim, o acesso dos jovens ao espaço e as suas atividades.

Quadro 4.2: Atividades “Bola para a Frente” Fonte: Elaboração própria.

Bola para a frente (atividades em que participei)
Treinos de futebol de rua
Torneio de Treinos de futebol de rua
Inglês
Exercício sobre poupar e a importância das poupanças
Leitura o príncipezinho
Criação de um Teatro de sombras sobre as alterações climáticas
Risoterapia
Mindfulness
Jogo do conhecimento
Palestra sobre a igualdade de género
Palestra sobre a violência no namoro
Biblioteca viva
Exercício sobre a resolução de conflitos
Exercício sobre o pensamento positivo e a mudança de perspetiva
Cerimónia de entrega dos prémios dos craques a cada 3 meses

Do ponto de vista do enquadramento deste projeto no estágio, e embora não se trate de um projeto da Junta de Freguesia de Carnide, é um projeto parceiro da Junta com grande enfoque nas questões dos jovens e da sua integração. Assim, considerou-se importante, tendo em conta a natureza do projeto de estágio, passar algum tempo neste espaço. No que diz respeito à minha colaboração, esta prendeu-se sobretudo com a participação e observação das atividades que foram organizadas pelo projeto (Quadro 4.2), isto é, em determinadas situações participei na atividade tal como os jovens e os outros técnicos, noutras apenas ajudei a desenvolvê-las em conjunto com os técnicos e num terceiro caso apenas observei o decorrer da atividade. Por outro lado, realizei ainda uma série de conversas informais com alguns dos jovens e técnicos do projeto, de forma conseguir responder a alguns dos objetivos propostos. Tendo em conta a natureza e o tipo de conversa e, uma vez que estas se realizaram tanto em “settings” de grupo

como em situações de um para um, estima-se que no total tenham sido abordados cerca de 30 jovens neste grupo.

Relativamente à participação neste projeto, destaca-se o facto de os treinos e torneios serem os momentos em que se pode verificar um maior aglomerado de jovens, seja nos treinos para os pequeninos (sem idade mínima e até aos 12 anos), seja nos treinos para os mais velhos (a partir dos 12 e sem idade máxima). Os treinos tendem a estar divididos em duas partes, uma em que para além da condição física, se fazem exercícios que promovem competências sociais como a confiança e a gestão de conflitos e uma segunda apenas de jogo na qual devem ser aplicadas as competências promovidas na fase anterior. Existe, ainda, uma forte política de que ninguém fica de fora das atividades mesmo que existam pessoas com mobilidade reduzida ou dificuldades físicas.

Durante o tempo em que integrei o projeto, assisti e participei num conjunto de atividades muito importantes para a integração destes jovens, tanto no mercado de trabalho, como na sociedade em geral. Entre elas, destacam-se as atividades realizadas em relação à promoção da igualdade de género, as atividades de apoio aos estudos e aulas de inglês, risoterapias e “mindfulness”, intercâmbios culturais e a atividade da “biblioteca viva” (conceito que consiste em ter pessoas reais com histórias diferentes que os jovens podem “requisitar” e ouvir; as temáticas vão desde a doenças mentais, a religião, a política, a migração, LGBT+, etc.). Embora o envolvimento por parte das crianças e jovens nestas atividades seja variado, dependendo do tipo de atividade, é muitas vezes possível verificar que alguns deles acabam por desenvolver interesses pelas temáticas analisadas, ou que, de certa forma, a atividade lhes permitiu uma reflexão relativa a alguns dos seus comportamentos.

Contudo, destaca-se a necessidade da existência de um conjunto de regras muito específicas e rigorosas, aquando da utilização do espaço. Estas regras vão estabelecer a forma como o espaço é tratado, bem como a forma como as interações uns com outros e/ou com os técnicos envolvidos no projeto devem acontecer.

Este projeto apresenta, ainda, interessantes métodos de recompensas para os jovens que mostrem ter boas notas, interesse e uma consistente participação nos treinos e atividades organizadas, assim como bom comportamento.

Além destes fatores, destaca-se a importância do projeto para a promoção do acesso à cultura por parte destes jovens (uma vez que permite aos jovens iras a museus, ao cinema, etc.), acabando, também, por promover a saída dos jovens do bairro de forma a conhecerem a cidade onde vivem.

4.3.2- Espaço Jovem

O “Espaço Jovem” é uma iniciativa da Junta de Freguesia de Carnide, em conjunto com o agrupamento de escolas. Localiza-se dentro da escola do 2º e 3º ciclos e funciona como um Centro de Atividades de Tempos Livres (ATL) para jovens que frequentam a escola.

Este espaço é pago e dá aos pais a possibilidade de terem um sítio para os filhos ficarem depois das aulas. Têm lugar, no “Espaço Jovem”, um conjunto atividades com enfoque no desenvolvimento de competências sociais, bem como o acesso livre a computadores e consola de jogos. Durante as férias escolares (Animações de Verão, do Natal e da Páscoa), é organizado um plano especial de atividades que envolve saídas culturais, lúdicas e desportivas, bem como idas à praia e piscina (no período do verão).

Tendo em conta a natureza do espaço, ao contrário do projeto “Bola para a frente”, a presença neste espaço é imposta pelos pais e não uma escolha pessoal do jovem e encontra-se disponível apenas para os estudantes da escola.

Quadro 4.3: Atividades “Espaço Jovem”. Fonte: Elaboração própria.

Espaço Jovem (Atividades em que participei)
Festa de Carnaval
Dia do Pai
Exercício de criação de um jogo de tabuleiro (temáticas sociais): Durante cerca de 4 meses tirou-se um dia todas as semanas para trabalhar na criação de um jogo alusivo a uma qualquer questão social a escolha dos participantes (no caso do espaço jovem foi a gestão dos recursos do planeta)
Café filosófico: momento de reflexão e discussão sobre os vários tipos de personalidades.
Festa Páscoa
Visita ao Oceanário de Lisboa
Café filosófico: momento de reflexão sobre os pontos fortes e fracos de cada tipo de personalidade e como lidar com essas características evitando conflitos.
Dia dos Jogos de Tabuleiros
Dia Livre (um dia em que as crianças podiam fazer o que quisessem sem horário a cumprir e sem que lhes fosse imposto atividades)
Exercício de reflexão sobre os sentimentos e como nos sentimos
Atividade do ambiente: manhã dedicada a aprendizagem ambiental
Orta comunitária
Dia da Mãe
Marchas populares
Estigmas: atividade dinamizada por mim reflexão sobre os estigmas e de que forma se podem aplicar a todos.
Festa de fim de ano

O enquadramento deste projeto com o plano de estágio prendeu-se sobretudo com a proximidade aos jovens, uma vez que se trata de um espaço da Junta de Freguesia direcionado

única e exclusivamente para as crianças e jovens do Bairro Padre Cruz. Contudo, durante o tempo em que integrei este projeto observei, participei e ajudei a organizar as atividades a que o espaço se propunha (Quadro 4.3), isto é, dentro deste projeto em determinadas situações ajudei na organização e desenvolvimento das atividades em conjunto com os monitores enquanto noutras apenas observei o decorrer da atividade.

Por outro lado, e tendo em conta as faixas etárias em que este grupo está compreendido, acabei por criar e desenvolver uma atividade sobre estigmas de forma a conseguir retirar conclusões relativas à forma como estes jovens os percebem.

Destaca-se, a existência, por parte dos monitores, de uma grande preocupação em realizar atividades importantes para o desenvolvimento dos jovens, especialmente relativas ao meio ambiente, cultura, conhecimento pessoal, resolução de conflitos e aceitação do outro. Por outro lado, as atividades realizadas nos intervalos letivos permitem aos jovens a prática de atividades desportivas e culturais que nem sempre estão ao seu alcance e que são importantes para o seu desenvolvimento. Porém, e embora neste espaço os jovens continuem a ser obrigado a seguir um conjunto de regras impostas pelo espaço e pela escola, este é um lugar de lazer onde os jovens têm acesso a consolas computadores, jogos, internet, etc.

Deve-se, ainda, ter em conta que este é um espaço pago e com limite máximo e mínimo de idade, o que faz com que este projeto acabe por não oferecer acesso a todos os jovens (mesmo que o valor a pagar seja bastante acessível), porque as famílias podem não ter rendimentos disponíveis, ou interesse. Por outro lado, é necessário ter em conta que alguns jovens são obrigados a participar pelos encarregados de educação, sendo as atividades também de caráter obrigatório, o que nem sempre promove a abertura, interesse e vontade de participar do mesmo. Porém, trata-se de um programa muito interessante no sentido de abrir a cidade de Lisboa a estes jovens (com as atividades nas pausas letivas) e ainda para a promoção de diferentes tipos de atividades e conhecimentos que não fazem parte do currículo escolar.

4.3.3- Bairro aos Meus Olhos

O projeto “Bairro aos Meus Olhos” (Anexo A) é um projeto que surgiu no final do ano passado (2021) e apresenta como parceiros a SCML – Centro Social Polivalente Bairro Padre Cruz, Junta de Freguesia de Carnide, Boutique da Cultura, Associação Nacional de Futebol de Rua, ACT – Escola de Atores e Associação de Moradores do Bairro Padre Cruz.

Este projeto apresenta-se tendo como objetivos principais o combate ao estigma associado ao bairro, tentando ainda promover uma aproximação da freguesia de Carnide ao Bairro Padre

Cruz e a intergeracionalidade, bem como o desenvolvimento de processos de cocriação que promovam a participação coletiva, a democratização do acesso e a participação na criação e fruição artística e cultural. Neste sentido, o projeto propõe-se a utilizar a fotografia como método de intervenção, através da qual se transmitiria uma imagem contraditória a que atualmente é associada ao Bairro Padre Cruz.

Este projeto iniciou-se em novembro de 2021 e tem prevista a sua finalização em dezembro de 2022. Apresenta por base uma ideia de utilização de “forças vivas da comunidade”, através da escolha de figuras de diferentes gerações, com histórias de vida diferentes e/ou diretamente relacionadas com o bairro. Após a escolha destas figuras, propôs-se a grupos de estudantes da escola de teatro ACT que, de certa forma, entrevistassem as figuras em questão, de forma a criarem o guião da sua história para que mais tarde estas histórias venham por eles a ser interpretadas. Todo este processo é documentado através de fotografia e vídeo para que, a partir destes meios, seja possível criar uma exposição que, em conjunto com o trabalho dos estudantes, reflita uma imagem não estereotipada do bairro e das pessoas que nele habitam.

Espera-se que o projeto consiga trazer mais pessoas ao bairro, motivando a sua participação numa atividade cultural, tentando ao mesmo tempo, desmistificar os estigmas que existem em relação a quem vive no bairro, promovendo um contacto entre gerações.

Por outro lado, a cobertura fotográfica e em vídeo permite que a mensagem que o projeto está a tentar passar não fique circunscrita exclusivamente à exposição final, uma vez que o facto de se encontrar registada permite a sua divulgação através das redes sociais e novos meios de comunicação.

Durante este projeto, a minha participação focou-se no campo organizacional, participando em reuniões (por parte da equipa da Junta de Freguesia de Carnide), analisando as questões de forma crítica e estabelecendo uma relação entre conhecimentos teóricos e o projeto.

Tendo em conta o enquadramento temporal do projeto, o meu envolvimento deu-se numa fase inicial – à data do presente relatório, o projeto ainda se encontra em desenvolvimento – o que não permite avaliar se conseguirá, ou não, alcançar os objetivos propostos. Porém, considera-se que o seu cumprimento na totalidade será complicado, uma vez que depende da adesão das pessoas. Isto porque a questão do “medo” de entrar no bairro dificulta o objetivo de incentivar as pessoas a entrar no bairro de livre e espontânea vontade. Deste modo, prevê-se que serão apenas os que já o faziam quem mais irá aderir à iniciativa, perdendo o propósito.

No entanto, o facto de o projeto ser gravado e fotografado pode, de certa maneira, ajudar a alcançar a população receosa e mudar a sua opinião relativamente ao bairro, deixando de contornar o bairro e passando a entrar e passar por ele.

Por outro lado, e, embora se destaque o modo como enaltece pessoas e histórias do bairro, não se considera que este projeto venha a servir o bairro da mesma maneira que outros projetos que existem no bairro o poderão fazer e, com os quais este projeto não se relaciona diretamente e que efetivamente podem ter mais poder “chamativo” relativo à população de fora. Um exemplo disto poderia ser o restaurante que surgiu no dia 20 de junho de 2022 no Bairro Padre Cruz. Trata-se de um restaurante italiano que foi montado de raiz num espaço vazio do Centro Cultural de Carnide e que emprega sem abrigos que viviam nas ruas da cidade de Lisboa. Sendo um dos objetivos do restaurante “atrair” pessoas para o bairro, acredita-se que esta iniciativa em comparação com o projeto “Bairro aos meus olhos” seja mais bem sucedida.

Por fim, seria ainda de destacar as semelhanças deste projeto com o projeto “Olhares (J)enuínos”. Um projeto que se traduziu numa exposição, que inaugura dia 20 de novembro de 2021 que pretendia mostrar o “mundo” das pessoas que habitam em Chelas.

A participação neste projeto promove uma clara perceção dos estigmas e preconceitos que ainda se abatem sobre as pessoas que habitam no bairro, uma vez que este projeto foi inspirado por um acontecimento na vida de uma das pessoas envolvidas no seu desenvolvimento, tentando focar os estigmas que os organizadores consideraram mais comuns (por experiência própria). O projeto oferece, ainda, uma clara visão do tipo de experiências que os jovens que habitam no Bairro Padre Cruz podem vivenciar.

Quadro 4.4: Atividades “Bairro aos meus olhos” Fonte: Elaboração própria.

Bairro aos meus olhos (atividades em que participei)
Reunião: apresentação do Projeto e a sua contextualização
Reunião: desenvolvimento das diretrizes do projeto
Reunião: escolha das Forças Vivas
Preparação da contextualização teórica do projeto, para a sua apresentação.
Reunião: Determinação das datas para o desenvolvimento das entrevistas.

4.4- Perceção e Mitigação do Estigma:

4.4.1- Projeto Bola para a Frente

4.4.1.1- Perceção do estigma

Este é o projeto onde melhor se identifica a perceção que os jovens apresentam do estigma, especialmente nas faixas etárias entre os 15 e 30 anos. Esta percebe-se através da observação de comportamentos e/ou através de comentários realizados pelos mesmos. Foram ainda realizadas um conjunto de conversas informais com alguns dos jovens que frequentam este programa, assim como com alguns dos técnicos.

Neste sentido, verificou-se uma vasta disparidade entre a imagem que as faixas etárias mais jovens (10-14 anos de idade) têm do bairro e dos estigmas que neles existem, e aquilo que os mais velhos (15-30 anos) percecionam. Os mais jovens consideram o bairro um lugar bastante seguro e não reconhecem a existência de motivos para uma imagem de insegurança. Contudo, existe dentro deste grupo um conjunto de jovens que, embora não o identifiquem como estigmas ou preconceitos, nem consigam explicar o porquê do acontecimento, relatam situações em que experienciaram o estigma. Um exemplo seria uma situação em que uma professora disse a um dos jovens que apenas levava o seu carro até Telheiras, tendo de fazer o resto do trajeto em transportes públicos, pois não considerava o bairro seguro e tinha medo de que lhe roubassem o carro.

Esta perceção mais positiva que os mais jovens apresentam do Bairro Padre Cruz pode dever-se ao facto de a maioria destes não sair do bairro. Isto é, o dia a dia destes jovens é feito única e exclusivamente dentro do bairro.

Noutra perspetiva, as faixas etárias que se seguem (15 aos 20 anos) têm uma imagem do bairro completamente distinta dos mais jovens. A grande maioria não se sente inseguro dentro do bairro, embora percebam a origem do preconceito. Porém, a forma como a questão da opinião pública e da imagem do bairro é usualmente abordada revela a existência de um “nós” e um “eles”. Isto é, existe um discurso de separação relativamente aos que são do bairro (visto como o eu ou nós) e os que vivem fora (ele ou eles). Esta separação acontece frequentemente no discurso dos jovens até aos 20 anos, que ainda não se encontram a trabalhar e que, talvez por isso, sintam um maior distanciamento do resto da sociedade. Um exemplo deste discurso é o de um jovem de 18 anos que, embora perceba o porquê da existência de alguns estigmas relativos ao bairro, defende uma filosofia de “*entra com respeito e serás respeitado*” defendendo que se “eles” os respeitarem não existem problemas.

É também nesta faixa etária (15 aos 20 anos) onde se verifica existir uma maior interiorização de determinados comportamentos que podem ser considerados a “imagem do bairro”. Estes tipos de comportamentos estão diretamente relacionados com a normalização de determinadas condutas consideradas socialmente “menos aceitáveis” e/ou mesmo ilegais (consumo de droga leve, roubo, etc.). Destaca-se também que grande parte destes jovens apresenta uma mentalidade de desinteresse e desvalorização da escola e da formação pessoal, bem como expectativas baixas relativamente às oportunidades que terão no futuro, sejam elas na sua vida pessoal ou profissional.

Relativamente à escola, a maioria admite que, numa fase ou outra da sua vida académica, sentiu que havia desinteresse por parte dos professores em ajudar a aprender e/ou mesmo em ajudar a ultrapassar as suas dificuldades. A maior parte destes jovens acredita que esta realidade se deve à perceção que os professores têm dos alunos do bairro e/ou a características específicas dos mesmos (etnia, raça, nacionalidade, situação familiar, dificuldades de aprendizagem, etc.). Por outro lado, no grupo etário em os jovens já se encontram no mercado de trabalho, a maioria admite que não coloca morada no currículo, pois dizem que já experienciaram situações em que a morada funcionava como um elemento de desqualificação em candidaturas a uma vaga de emprego. Alguns revelam, também, apenas divulgar a sua morada quando já se sentem bem integrados na empresa em que trabalham. A grande maioria defende já ter experienciado preconceitos, seja no emprego ou no seu dia a dia, nomeadamente situações em que lhes fizeram comentários e/ou fizeram perguntas mais discriminatórias relativamente ao bairro onde vivem. Contudo, dentro deste grupo, existe ainda quem admita que a localização e o preço das casas são algumas das principais razões que os levam a não se quererem mudar.

De um modo geral, é este o grupo que destaca os media como a principal forma como os estigmas e preconceitos se propagam. Seja através da forma como os incidentes mais violentos são tratados, seja através da forma com se retratam acontecimentos positivos. Um dos exemplos dados foi a forma como foi noticiado a escolha do Bairro Padre Cruz para ser o palco de um festival de arte urbana, onde, na maioria dos casos, o foco das notícias era o facto de se tratar de um bairro social e a sua possível insegurança.

4.4.1.2- Mitigação do estigma

Do ponto de vista da mitigação do estigma, este é um dos projetos com mais potencial para influenciar esta questão. A utilização de futebol de rua para a interiorização de normas e valores, bem como o conjunto das outras atividades organizadas pelo projeto, assim como as diversas

regras que são aplicadas a utilização do espaço da associação, traduzem-se numa consistente forma de “combate” a determinados comportamentos e permitem a promoção de valores positivos entre os jovens.

Existe um grande esforço por parte desta plataforma para promover a educação e formação dos jovens e, conseqüentemente, combater o abandono escolar que é um dos grandes problemas deste território. A proximidade com as famílias, e o facto de os técnicos se tornarem pessoas em quem estas confiam, torna o contacto com as mesmas mais fáceis e permite que estas apresentem menos resistência aquando da exposição dos jovens a discussões relativas a assuntos mais sensíveis, como a educação sexual, questões LGBT+, etc., assim como favorece uma abertura por parte da comunidade para as atividades que o projeto possa criar que permitam o envolvimento da mesma na sua totalidade (Figuras 4.2, 4.3 e 4.4).



Figuras 4.2, 4.3 e 4.4: “Biblioteca viva” - Atividade aberta a toda a comunidade onde através das experiências das pessoas identificadas como “livros” se discutem temáticas relacionadas com questões raciais, saúde mental, migração, discriminação, a comunidade LGBT+, etc. (Fonte: Elaboração Própria).

Por outro lado, e embora o futebol seja a principal atração, o espaço da associação tende a transformar-se num espaço onde os jovens se sentem seguros e que frequentam de livre e espontânea vontade. Esta liberdade possibilita uma maior abertura por parte dos jovens em participar nas atividades que lhes são propostas, pois o fator “obrigação” é inexistente.

É ainda importante referir que, na maioria dos casos, estes jovens estão muito fechados dentro do bairro, uma vez que não possuem meios financeiros e/ou situações familiares favoráveis à

saída do bairro com o objetivo de experienciar outras realidades sociais e culturais. É, assim, muito importante o trabalho desenvolvido pelo projeto no sentido de promover novas experiências e dar a conhecer outras realidades, facilitando e promovendo a integração deste grupo na cidade que os envolve.

De um modo geral, este projeto enfoca os problemas usualmente mais associados aos bairros sociais, os quais tendem a dificultar a integração destes jovens na sociedade. Este projeto oferece ferramentas e/ou uma plataforma de apoio aos jovens para uma progressão e integração positiva no mercado de trabalho e na sociedade que os envolve. Prepara-os para os desafios que podem enfrentar e promove a sua educação e formação profissional, assim como a interiorização de ideias de igualdade de oportunidades, diálogo intercultural, inclusão social, solidariedade e responsabilidade social.



Figura 4.5: Palestra sobre a importância de poupar (Fonte: Elaboração Própria)



Figura 4.6: Criação de um teatro de sombras sobre as alterações Climáticas (Fonte: Elaboração Própria)



Figura 4.7: Pensamento positivo –neste exercício quem apanha-se a vassoura antes de ela cair tinha de dizer uma coisa boa sobre si mesmo. (Fonte: Elaboração Própria)

Contudo, e embora este projeto se foque na resolução daquelas que são algumas das temáticas mais problemáticas de bairros desta natureza, é lhes impossível alcançar e combater todas as questões associadas à estigmatização de bairros sociais, pois embora possam oferecer aos jovens mecanismos de defesa e formas de se integrarem melhor, não conseguem combater a questão do preconceito no mercado de trabalho. Estes preconceitos são ainda mais evidentes em

situações que envolvem jovens de etnia cigana e/ou com afrodescendentes, onde, para além das questões da área de residência, também se levantam os preconceitos raciais e étnicos.

Destaca-se também a questão de situações familiares problemáticas (na maior parte dos casos estão fora do alcance da associação), bem como a falta de meios económicos para o aumento dos técnicos, o que permitiria oferecer mais apoio e atenção aos jovens, situações que nem sempre se verificam devido à grande quantidade de trabalho a que os técnicos e voluntários estão expostos.



Figura 4.8: Atividade de premiação dos jovens que nos 3 meses anteriores se destacaram por participar nas atividades, bom comportamento e assiduidade na escola. (Fonte: Elaboração própria)



Figura 4.9: Treino de futebol de Rua. (Fonte: Elaboração própria)



Figura 4.10: Torneio de futebol. (Fonte: Elaboração própria)

4.4.2- Espaço Jovem:

4.4.2.1- Perceção do estigma

Tendo em conta a faixa etária (11 a 15 anos) abrangidas neste projeto, as questões da perceção do estigma são um pouco mais complexas de avaliar que no projeto anteriormente referido. Isto porque, tal como no grupo anterior, os grupos mais jovens tendem a não ter uma clara perceção de estigma nem dos preconceitos que atingem o bairro. Tal como nos casos anteriores, o facto de não saírem do bairro pode ser apontado como a principal razão sobre a qual esta realidade se verifica.

Neste sentido, e depois de se abordar a questão com os técnicos responsáveis, acabou por se optar pela criação de uma atividade de reflexão sobre o que é o estigma, quais as diversas razões por que uma pessoa pode ser vítima de estigma e de que forma é que este pode afetar todas as pessoas.



Figura 4.11: Quadro apresentado aos jovens relativo aos diversos tipos de estigmas.

Numa fase inicial da atividade, foi possível identificar situações hipotéticas em que uma pessoa poderia sofrer estigmatização, com base nas diversas características indicadas na figura 4.11. Contudo, quando se passou para a reflexão sobre como é que estas temáticas se poderiam aplicar a eles, a questão da área de residência e do bairro só foi mencionada após terem sido questionados se achavam possível ser vítima de estigma com base no facto de viverem no Bairro Padre Cruz. Antes disso, as questões de género, raça e etnia eram as variáveis às quais associavam o estigma. Alguns reconheciam uma situação em que um colega de turma de etnia cigana foi o primeiro a ser acusado de roubar quando desapareciam coisas na sala; os jovens de raça negra identificaram situações onde foram tratados de forma diferente por serem negros, assim como uma rapariga admitiu que em casa existem mais expectativas relativamente às tarefas que lhe competem *versus* aquilo que compete ao irmão, apenas por ser mulher.

Após a apresentação da temática, dois membros do grupo (ambos de 15 anos) conseguiram relacionar a temática com a questão da procura de uma escola para o ano seguinte, onde iriam frequentar o 10º ano e os baixos *standards*, que os professores, que tinham vindo a ter até então, lhes impunham, por frequentarem a escola do bairro.

Com a intervenção dos jovens mais velhos, os restantes membros do grupo admitem ter sentimentos similares relativamente a alguns professores. Defendem ainda que, às vezes, as pessoas podem não gostar do bairro por ser uma zona onde “acontecem muitas confusões”.

De um modo geral, e embora sem nunca terem refletido sobre o assunto, a maioria destes jovens conseguia identificar estigmas e/ou situações onde podem ter assistido e/ou sofrido estigmatização e/ou discriminação.

4.4.2.2- Mitigação do estigma

O projeto ‘Espaço Jovem’ difere do anterior, uma vez que se trata de um espaço pago dentro da escola. Porém, as atividades realizadas revelam a existência de um conhecimento profundo sobre a realidade do bairro e das necessidades que estes jovens apresentam. Existe por parte da equipa de animação, uma preocupação em oferecer ferramentas a estes jovens que favoreçam a sua integração na sociedade e que, ao mesmo tempo, promovam a sua formação não só escolar, mas também pessoal. Exemplos destas situações estão ilustradas nas figuras 4.12, 4.13 e 4.14.



Figura 4.12: Exercício sobre os sentimentos e como devemos lidar: com cada um deles (Fonte: elaboração própria)



Figura 4.13: Exercício de criação do jogo de Tabuleiro. (Fonte: elaboração própria)



Figura 4.14: Exercício de reflexão sobre as forças de caráter. (Fonte: elaboração própria)

Contudo, a presença dos jovens neste espaço trata-se de uma decisão dos pais, neste sentido as crianças são obrigadas a frequentar e, conseqüentemente, obrigadas a participar nas atividades que lhes são propostas. Esta obrigatoriedade leva a que, muitas vezes, os animadores tenham de fazer um esforço maior para que os jovens participem ou se interessem pela atividade em questão.

Neste sentido, destaca-se ainda que também neste grupo existem limitações em relação ao que conhecem da cidade e cultura que os rodeias, o que torna os passeios culturais que se realizam nas pausas letivas muito importantes para a criação de uma relação entre estes jovens e a cidade que os envolve.



Figura 4.15: Visita cultural ao oceanário de Lisboa (Fonte: Elaboração Própria).



Figura 4.16 e 4.17: Manhã dedicada à educação ambiental através da utilização de jogos. (Fonte: Elaboração Própria)

4.4.3- Bairro aos meus olhos

4.4.3.1- Perceção do estigma

O enquadramento do estágio neste projeto coincide com a fase inicial, não tendo chegado a uma fase mais avançada que viria a incluir entrevistas. Neste sentido, a reflexão que se faz do projeto relaciona-se exclusivamente com as experiências partilhadas pelos indivíduos intervenientes na organização do projeto.

Embora estes indivíduos já não se enquadrem nas idades consideradas para análise, algumas das experiências por eles partilhadas permitem tirar conclusões referentes aos preconceitos existentes em relação a este bairro. A ideia do projeto surge depois de um dos membros organizadores ter experienciado uma situação em que lhe perguntaram se não tinha medo de trabalhar num bairro como o Bairro Padre Cruz.

Esta ideia de que o bairro é um lugar inseguro ou violento é uma temática frequentemente associada ao bairro, sendo também estas as questões que mais influenciaram a maioria das experiências partilhadas pelos envolvidos no projeto.

4.4.3.2- Mitigação do estigma

Relativamente à questão da mitigação do estigma, este é, dos três projetos analisados, o único que se foca no também no exterior e não apenas no bairro e nos seus habitantes. Isto é, o seu grupo-alvo não é quem vive, trabalha ou estuda no bairro, mas sim quem está fora e não conhece a sua realidade. Apresenta como objetivo utilizar a história de pessoas que vivem no bairro de forma a demonstrar que existe mais do Bairro Padre Cruz, para além das ideias e preconceitos que o identificam.

Neste sentido, e tendo em conta a fase inicial em que se encontrava o projeto aquando desta análise, este parece ser uma boa ferramenta de combate ao estigma. Ao mesmo tempo que se trabalham as questões que resultaram na estigmatização da área, é também importante trabalhar e desmistificar a sua imagem relativamente aos que estão fora.

Contudo, de um modo geral, este é um projeto que deixa algumas reservas em relação à forma como poderá chegar ao público-alvo. Seria importante chegar às pessoas que não visitam o bairro e não àqueles que já lá vivem, trabalham e/ou estudam. Idealmente, o projeto conseguiria alcançar a população que tem medo e/ou se recusa a entrar no bairro, porém, uma vez que a exposição e apresentação final decorriam no bairro, automaticamente veda-se o acesso àqueles que realmente se quereria alcançar.

A utilização de vídeo e fotografia permite ao projeto maior longevidade e maior raio de alcance que, no entanto, vai depender da forma como estas imagens são promovidas e partilhadas. Por outro lado, estando o projeto ainda a decorrer à data de entrega do relatório, é difícil classificar até que ponto este projeto ajudou ou não a mitigação do problema em análise.

É de destacar ainda que, embora este projeto possa não vir a ter o raio de alcance esperado, o envolvimento dos jovens da escola de teatro recentemente “relojada” no bairro permite que estes se relacionem com o bairro, permitindo indiretamente a desmitificação dos preconceitos que os estes jovens e os seus amigos e/ou familiares possam ter em relação ao local onde estes estudam.

V- Considerações Finais:

Os bairros sociais podem ser considerados o resultado da necessidade de resposta aos problemas do acesso à habitação. Contudo, trata-se de uma solução que resolve o problema apenas no sentido quantitativo, uma vez que atribuem casas a quem não tem capacidade económica para o conseguir, ignorando outras questões sociais que se relacionam com a habitação e que permitem a um individuo relacionar-se e/ou integrar a sociedade que o rodeia.

Planos como o PER (Programa Especial de Realojamento) permitiram o realojamento de diversas famílias no Bairro Padre Cruz, facilitando a sua retirada de habitações precárias e sem condições. Contudo, “arrumaram” estas pessoas em lotes em bairros sociais pré-existent, ignorando as outras questões referidas.

Este relatório foca-se na questão relacionada com os impactos que a estigmatização e a segregação socioespacial associada aos bairros sociais podem ter, tentando compreender de que forma estes fatores afetam as oportunidades dos jovens e como se pode combater o estigma, apresentando o Bairro Padre Cruz em Lisboa como área de estudo. Assim, através da Junta de Freguesia de Carnide integrei três projetos distintos cujos principais objetivos se prendiam com o combate aos problemas tipicamente associados a estes bairros e, em especial a comunidade jovem que nele habita.

Neste sentido, os dois primeiros projetos trabalhavam diretamente com jovens (o “Espaço Jovem” e o projeto “Bola para a frente”) e o terceiro relaciona-se diretamente com as questões do estigma e apresenta como grupo-alvo a população do bairro, não especificamente os jovens (“Bairro aos meus olhos”).

Embora não seja muito comum o desenvolvimento de uma investigação deste tipo em formato de estágio, foi importante do ponto de vista da proximidade ao grupo-alvo e ao bairro, e ao que permitiu compreender a partir do bairro. A minha integração nos projetos anteriormente mencionados, foi facilitada pela Junta de Freguesia de Carnide, possibilitou o desenvolvimento de uma relação com os jovens, o que permitiu que estes se sentissem confortáveis e confiantes para serem honestos em relação à sua opinião no que diz respeito às temáticas abordadas. Para além disso, permitiu que fosse possível a minha integração no dia a dia destes jovens, num ambiente onde se sentem confortáveis o que possibilitou que se comportassem da forma mais natural possível permitindo-me ter uma perceção dos seus comportamentos e respostas mais sinceras e próximas à sua realidade.

Estes são padrões que se verificam no Bairro Padre Cruz, uma zona onde, ao longo das suas várias fases, foram constantemente realojadas pessoas em situações de vulnerabilidade. Tratase

de uma área com claras barreiras físicas que o separam do resto da cidade e onde a população tende a fechar-se dentro de si mesma. Esta é, ainda, uma zona com uma população muito vulnerável socialmente, que apresenta taxas consideráveis de analfabetismo, desemprego, abandono escolar e onde se verificam constantes reproduções geracionais dos padrões de défice de competências escolares e baixas qualificações. É ainda, um bairro que tende a ser objeto de notícia nos meios de comunicação social por questões de insegurança e violência. A narração destes incidentes acaba por se perder na exposição do modo como se desenvolveu a situação que originou a notícia e, por consequência, raras são as situações onde as questões são examinadas a partir de uma perspetiva crítica.

De um modo geral, pode-se considerar que, embora este bairro tenha, ao longo dos anos, oferecido uma solução viável para o realojamento de famílias em situações precárias, a sua segregação neste espaço acabou, indiretamente, por promover os comportamentos associados à criação e promoção dos estigmas que lhe são atribuídos. Neste sentido, e em resposta ao primeiro objetivo proposto por este relatório, verifica-se que, de um modo geral, o bairro tende a ser associado a questões de insegurança e violência, sendo que, na maioria das vezes, esta é a realidade do bairro representada pelos meios de comunicação social.

Relativamente às questões que se relacionam com os estigmas e perceção que os jovens têm dele, estas estão diretamente relacionadas com a faixa etária em que os jovens em análise se encontram. A faixa etária compreendida entre os 12 e 15 anos não identifica a existência de estigmas, da mesma maneira que não tendem a identificar as questões que podem ser consideradas problemáticas no bairro. Contudo, e embora não considerem estigmas, a maioria destes jovens consegue identificar alturas e/ou experiências que tiveram em que, de certa forma, direta ou indiretamente, foram vítimas de estigmatização.

Por outro lado, as faixas etárias compreendidas entre os 15 e 30 anos já apresentam uma determinada perceção dos estigmas que lhes são associados. No que diz respeito à educação, a maioria defende que em algum momento da sua vida académica teve pelo menos um professor que não esperava muito deles, seja pela escola ser no Bairro Padre Cruz, seja porque o jovem tinha dificuldades de aprendizagem e/ou características específicas (etnia, raça, nacionalidade, situação familiar, etc.) que lhe poderiam dificultar a aprendizagem.

Relativamente às questões do mercado de trabalho, muitos sentem que, ocultando a morada ou parte da morada (indicando apenas Carnide), têm mais hipóteses de ser chamados para uma entrevista. Entretanto, quando já empregados, na maioria dos casos, preferem não mencionar a

área de residência, admitindo uma certa incerteza em relação às reações que os colegas, chefes e/ou entidade empregadora possam ter em relação a esta situação.

Contudo, dentro desta faixa etária existe um grupo (15-20 anos) onde se destaca a maior interiorização da “imagem negativa do bairro”, a normalização de condutas socialmente não aceites e/ou ilegais, atitudes de desvalorização da educação e formação pessoal, assim como baixas expectativas em relação ao seu futuro pessoal e profissional. Existe ainda uma mentalidade de clara separação entre “nós” e “eles” relativamente a quem vive no bairro e a quem habita no resto da cidade.

No que diz respeito aos projetos em discussão neste relatório, destaca-se a importância de projetos sociais como o “Bola para frente” e o “Espaço Jovem” para a promoção de valores e ideais de estilos de vida saudáveis, igualdade de oportunidades, diálogo intercultural, inclusão social, solidariedade e responsabilidade social, bem como de desenvolvimento humano e a promoção de valores de paz. Do ponto de vista cultural, ambos os projetos permitem a abertura destes jovens a estas questões, uma vez que lhes proporciona o consumo de conteúdos e experiências culturais, enquanto lhes oferece a oportunidade de conhecerem novas culturas e pessoas.

O projeto “Bola para a frente” é, também, um importante projeto para o combate ao abandono escolar e promoção da formação de jovens, bem como oferece um espaço seguro com regras muito rigorosas que permite a alguns jovens uma estrutura de apoio que nem sempre têm nas suas casas. Contudo, embora possa oferecer aos jovens mecanismos de defesa e formas de se integrarem melhor na sociedade que os rodeia, existem situações que estão fora do seu controlo de ação, como as questões relacionadas com o preconceito no mercado de trabalho e as questões de situações familiares problemáticas. Tal como a maioria dos projetos sociais do nosso país, este era um projeto que beneficiaria com mais meios económicos, que permitiriam um maior número de técnicos e, conseqüentemente, oferecer mais apoio e atenção aos jovens, questões que nem sempre são possíveis devido à falta de tempo e de técnicos para a quantidade de trabalho.

Por outro lado, e tendo em conta os benefícios associados ao projeto “Espaço Jovem” anteriormente mencionados, deve-se destacar o facto de este ser um espaço pago, que por consequência acaba por ser menos acessível para alguns jovens nestas faixas etárias, uma vez que a sua participação depende única e exclusivamente da disponibilidade que os pais têm para suportar o custo, por mais reduzido que seja.

O projeto “Bairro aos meus olhos”, em termos conceptuais, é uma importante ferramenta para o combate ao estigma. Este permite trabalhar as questões de desmistificação da imagem que o bairro tem para os que estão fora do mesmo. Contudo, e tendo em conta que se trata de um projeto que se encontrava numa fase inicial, é difícil tirar conclusões definitivas. No entanto, destacam-se algumas reservas em relação à forma como este projeto poderá chegar ao público-alvo. Isto porque, o público ideal é aquele que não visita ou passa pelo bairro, invés da população que vive, trabalha ou estuda na área em estudo.

Em suma, projetos como os anteriormente mencionados são importantes para a mitigação dos estigmas e preconceitos que têm vindo a ser abordados ao longo deste relatório. Existe uma necessidade de resolver e trabalhar os problemas sociais associados a bairros como o Bairro Padre Cruz, uma vez que estas questões acabam por dificultar a integração desta população, não só no mercado de trabalho, como em geral na sociedade. A sua segregação promove um círculo vicioso de défice de competências escolares e baixas qualificações, que dificulta as oportunidades de mobilidade social destes jovens, assim como permite a criação e promoção de preconceitos. Por outro lado, acredita-se que, embora o Bairro Padre Cruz não esteja completamente segregado, está, de certa maneira, muito fechado dentro de si mesmo, sendo necessário diminuir as barreiras sociais que separam os moradores do bairro do resto da cidade de Lisboa.

Fonte:

- Banha, I. (2017, abril) “O maior bairro social da Europa transformado em galeria a céu aberto (The largest housing estate in Europe transformed into an open-air gallery)” Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/sociedade/o-maior-bairro-social-da-europa-transformado-em-galeria-a-ceu-aberto-5110311.html>
- Boaventura, I. (2014, outubro) “"No Bairro Padre Cruz persistem as vozes contra o fecho da esquadra (In Bairro Padre Cruz, voices persist against the closing of the police station)". Publico. <https://www.publico.pt/2014/10/09/local/noticia/no-bairro-padre-cruz-persistem-as-vozes-contr-o-fecho-da-esquadra-1672400>
- Capucho, J. (2016, maio) “Arte urbana mudou a cara do maior bairro social da Europa (Urban art has changed the face of Europe's largest housing estate)” Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/sociedade/arte-urbana-mudou-a-cara-do-maior-bairro-social-da-europa-5176254.html>
- Cardoso, D. (2021, dezembro) "Desesperadas, sem dinheiro e sem tecto: Há nove famílias em risco de despejo no Bairro Padre Cruz, em Lisboa ("Desperate, penniless and homeless: There are nine families at risk of eviction in Bairro Padre Cruz, Lisbon)" Correio da Manhã. <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/desperadas-sem-dinheiro-e-sem-tecto-ha-nove-familias-em-risco-de-despejo-no-bairro-padre-cruz-em-lisboa-veja-na-cmtv>
- Cardoso, D. (2021, dezembro) “Nove famílias estão em risco de despejo no Bairro Padre Cruz em Lisboa (Nine families are at risk of eviction in Bairro Padre Cruz in Lisbon)”. Correio da Manhã. <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/nove-familias-estao-em-risco-de-despejo-no-bairro-padre-cruz-em-lisboa>
- Carvalho, H. (2020, agosto) “"Quatro baleados em desordem no bairro Padre Cruz, em Lisboa (Four people shot in disorder in the Padre Cruz neighborhood, in Lisbon)" Publico. <https://www.publico.pt/2020/08/06/local/noticia/quatro-baleados-desordem-bairro-padre-cruz-lisboa-1927318>
- Cristino, S. (2019, dezembro) “24 famílias realojadas em casas novas no Bairro Padre (24 families relocated to new houses in Bairro Padre)” Jornal de Notícias <https://www.jn.pt/local/noticias/lisboa/lisboa/24-familias-realojadas-em-casas-novas-no-bairro-padre-cruz-11590371.html>
- Cristino, S. (2020, agosto) “Quatro homens baleados no Bairro Padre Cruz em Lisboa (Four men shot in Bairro Padre Cruz in Lisbon)”. Jornal de Notícias. <https://www.jn.pt/justica/quatro-pessoas-baleadas-em-desacatos-no-bairro-padre-cruz-em-lisboa-12502104.html>
- Correio da Manhã (2010) “Dupla espanca e rouba taxista (Duo beats and robs taxi driver)”. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/dupla-espanca-e-rouba-taxista>
- Correio da Manhã (2013) “Arrastões em supermercados (Trawlers in supermarkets)”. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/arrastoes-em-supermercados>

- Correio da Manhã (2013) “"Preso abusador da sobrinha (Arrested niece abuser)".
<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/preso-abusador-da-sobrinha>
- Correio da Manhã (2016) “O bairro Lisboaeta, Padre Cruz, prepara-se para se galeria a céu aberto (Lisbon neighborhood, Padre Cruz, prepares to be a gallery in the open)".
https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/bairro_lisboeta_padre_cruz_prepara_se_para_ser_galeria_de_arte_urbana_a_ceu_aberto
- Correio da Manhã (2016) "Família despejada do bairro em Lisboa ("Family evicted from the neighborhood in Lisbon)". <https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/familia-despejada-de-bairro-em-lisboa?ref=Pesquisa>
- Correio da Manhã (2016) “Gang armado rouba caixa de farmácia (Armed gang steals pharmacy cashier)". <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/gang-armado-rouba-caixa-de-farmacia>
- Correio da Manhã (2020) “Jovem suspeito de infeção por coronavírus amarrado na rua por populares em bairro de Lisboa (Young man suspected of coronavirus infection tied up on the street by popular people in a Lisbon neighborhood)".
<https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/video--populacao-amarra-na-rua-jovem-suspeito-de-covid-19-que-circulava-em-bairro-de-lisboa-veja-as-imagens>
- Curado, M. (2021, fevereiro) “Dupla armada rouba 2500 euros e joias a família em Lisboa (Armed duo steals 2500 euros and jewelry from the family in Lisbon)” Correio da Manhã.
<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/dupla-armada-rouba-2500-euros-e-joias-a-familia-em-lisboa>
- Curado, M e Simões, R. (2020, agosto) “Quatro alvejados em rixa com 300 pessoas em Lisboa (Four shot in disputes with 300 people in Lisbon)” Correio da Manhã.
<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/quatro-alvejados-em-rixa-com-300-pessoas-em-lisboa>
- Curado, M. e Vitorino, S., A. (2020, agosto) “Dois detidos por roubo em casa dos baleados em rixa no bairro Padre Cruz (Two arrested for burglary at the home of those shot in a brawl in Bairro Padre Cruz)”. Correio da Manhã. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/dois-detidos-por-roubo-em-casa-dos-baleados-em-rixa-no-bairro-padre-cruz>
- Diário de Notícias (2020) “Moradores de bairro de Lisboa amarram homem suspeito de estar infetado (Lisbon neighborhood residents tie up a man suspected of being infected)”.
<https://www.dn.pt/pais/moradores-de-bairro-de-lisboa-amarram-homem-suspeito-de-estar-infetado-12324127.html>
- Henriques, A (2017, abril) “Cinco anos de prisão: uma pena exemplar para casal que maltratava menina (Five years in prison: an exemplary sentence for a couple who mistreated a girl)". Publico. <https://www.publico.pt/2017/04/04/sociedade/noticia/cinco-anos-de-prisao-a-pena-exemplar-para-casal-que-maltratava-menina-1767401>
- Henriques, J., G, (2021. novembro) “Mães com filhos ocupam casas: “Se fazemos isso, é porque estamos desesperadas” (Mothers with children occupy houses: “If we do that, it is because we are desperate”)" Publico.
<https://www.publico.pt/2021/11/30/sociedade/reportagem/maes-filhos-ocupam-casas-fazemos-desesperadas-1986701>

- Henriques, J., G. (2022, Janeiro) “Somos todas mães com pé na rua. Não feche a porta a esta geração(We are all mothers on the streets. Do not close the door on this generation)”. Publico. <https://www.publico.pt/2022/01/27/sociedade/noticia/maes-filhos-pe-rua-nao-fechemporta-geracao-1993338>
- Jornal de Notícias (2020) “Populares amarram homem suspeito de infeção por covid-19 (Populars tie man suspected of infection by covid-19)”. <https://www.jn.pt/justica/populares-amarram-homem-suspeito-de-infecao-por-covid-19-12323929.html>
- Jornal de Notícias (2016). “Bairro Padre Cruz acolhe Festival de Arte Urbana de Lisboa (Bairro Padre Cruz hosts Lisbon Urban Art Festival)”. <https://www.jn.pt/artes/bairro-padre-cruz-acolhe-festival-de-arte-urbana-de-lisboa-5093724.html>
- Luz, R. (2022, maio) “Famílias estão a ser despejadas das casas que ocuparam no Bairro Padre Cruz (Families are being evicted from the houses they occupied in Bairro Padre Cruz)”. Correio da Manhã. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/familias-estao-a-ser-despejadas-das-casas-que-ocuparam-no-bairro-padre-cruz>
- Pereira, D. (2020, agosto) “Quatro baleados em desordem no Bairro Padre Cruz (Four shot in disorder in Bairro Padre Cruz)” Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/local/quatro-baleados-em-desordem-no-bairro-padre-cruz-em-lisboa---psp-12502078.html>
- Publico (2016) “Festival Muro no Bairro Padre Cruz (Muro Festival in the Padre Cruz neighborhood)”. <https://www.publico.pt/2016/04/28/p3/noticia/festival-muro-no-bairro-padre-cruz-1825787>
- Publico (2017) “Câmara de Lisboa realoja morador que vive em barracão no terreno da nova Feira Popular (Lisbon government relocates resident who lives in a shed on the grounds of the new Feira Popular)”. <https://www.publico.pt/2017/02/03/local/noticia/camara-de-lisboa-realoja-morador-que-vive-em-barracao-no-terreno-da-nova-feira-popular-1760785>
- Serafim, T. (2016, julho) “Bairro Padre Cruz quer ser a “maior galeria de arte pública da Europa”(Bairro Padre Cruz wants to be the “largest public art gallery in Europe)”. Publico. <https://www.publico.pt/2016/07/17/local/noticia/bairro-padre-cruz-quer-ser-a-maior-galeria-de-arte-publica-da-europa-1738430>
- Recomendação de 28/09/2018 Portugal - promove à adesão ao Princípio de não-referência da origem racial e étnica, cor, nacionalidade, ascendência, território de origem e situação documental, quando são publicadas notícias.
- Soares, M. (2014, março) “Juntas e associações tentam que ninguém deixe de lavar a roupa por causa da crise (Boards and associations try to ensure that no one stops washing clothes because of the crisis)”. Publico. <https://www.publico.pt/2014/03/24/local/noticia/juntas-e-associacoes-tentam-que-ninguem-deixe-de-lavar-a-roupa-por-causa-da-crise-1629414>
- Vitorino, S., A. (2021, março) “Rixa entre 50 pessoas num bairro em Lisboa acaba com três detidos (Brawl between 50 people in a neighborhood in Lisbon ends with three detainees)” Correio da Manhã. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/rixa-entre-50-pessoas-num-bairro-em-lisboa-acaba-com-tres-detidos>
- Vitorino, S., A. (2021, maio) “Futebol ilegal e ataque à PSP tramam violador (Illegal football and PSP attack cath rapist)” Correio da Manhã.

<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/futebol-ilegal-e-ataque-a-ppsp-tramam-violador>

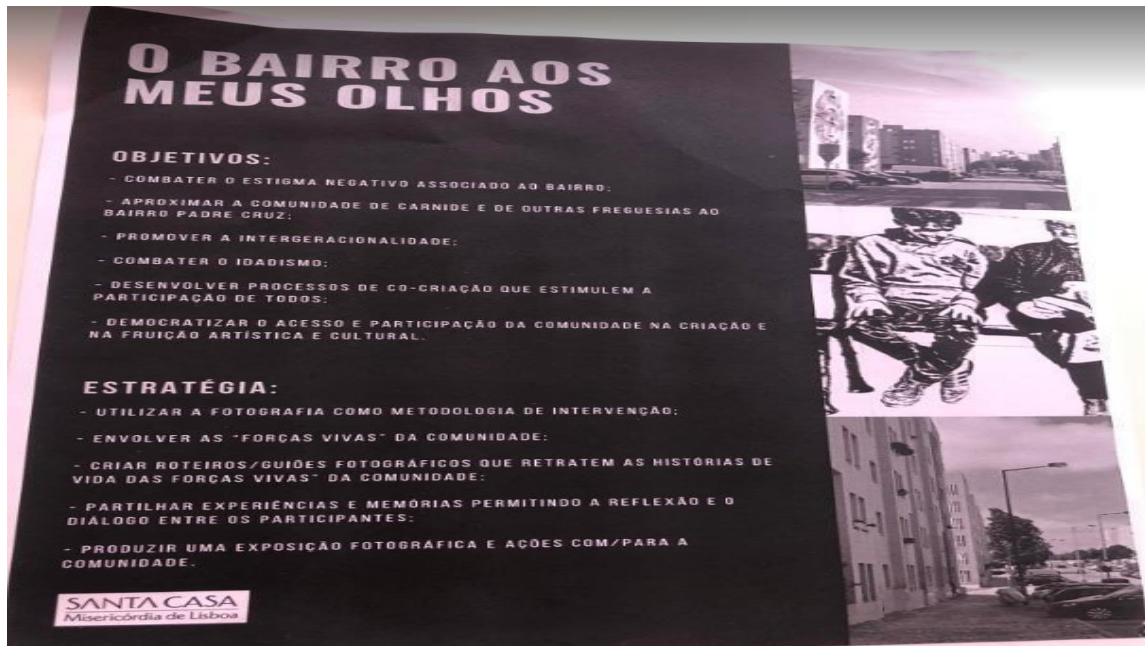
Bibliografia:

- Araújo, D. A. S.. N. (2018). Habitar o bairro Padre Cruz: processos de apropriação do espaço social e do espaço casa, em contextos de realojamento. (Dissertação de Mestrado, universidade de Lisboa) Retrieved from: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/17950>
- Associação Nacional de futebol de rua (2020) A metodologia do futebol de rua. ANFR. Lisboa.
- Associação Nacional de futebol de rua (2021) Diagnostico Bairro Padre Cruz 2021. ANFR. Lisboa.
- Benbenisthy R., Astor R. A. (2005) School Violence in Context. Culture, Neighbourhood, Family, School and Gender, Nova Iorque, Oxford University Press
- Caeiro, T., Gonçalves, A. (2015) Homelessness – Press, policies, and public opinion in Portugal, *European Journal of Homelessness*, 9, p. 99- 122.
- Carreiras M. G. (2018) Integração Socioespacial dos Bairros de Habitação Social Na Área Metropolitana de Lisboa: Evidências de Micro Segregação, *Finisterra* 53 (107), p. 67–85.
- Carvalho M. J. L. de (2013) Do Outro Lado da Cidade. Crianças, Urbanização e Violência na Área Metropolitana de Lisboa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 72, 79-101.
- CASTRO M. G., ABRAMOVAY M. (2002) Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, São Paulo*, n. 116,
- Esteves A. (1997) A criminalidade em Lisboa. Uma geografia da insegurança. (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa). Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/299447195_A_criminalidade_em_Lisboa_Uma_geografia_d_a_inseguranca/citation/download
- Fernandes, C. (2015) Processos de melhoria social: a requalificação do Bairro Social de Santa Tecla (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho). Retrieved from: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/39565?mode=simple>
- Ferreira, A. F. (1994) Habitação e Urbanismo: lições e prevenções para o PER. *Sociedade e Território* (20) pp. 8-10.
- Fonseca M. L. (1984) Notas para uma geografia do crime em Portugal, 1950-1981. *Finisterra*, vol XIX, nº 38, pp. 171-204.
- Gomes S. (2011) Crime na imprensa Representações sobre Imigrantes e Ciganos em Portugal. CICS Working paper. ISSN: 2182-7672
- Gomes S. (2011) Criminalidade, etnicidade e desigualdade: O crime nos reclusos dos PALOP, Leste Europeu e de etnia cigana e as perceções dos guardas prisionais e dos elementos da direção acerca deles”. (Tese de doutoramento Universidade do Minho) Retime from: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17004/1/Relat%C3%B3rio%20Criminalidade%20Etnicidade%20e%20Desigualdades.pdf>
- Gonçalves, A., Pinto T. C. (2001) Os bairros sociais vistos por si mesmos: atores, imagens públicas e identidades. *Cidades – Comunidades e Territórios*, 3: 111-131
- Gonçalves M. V., Malfitano, A. P. S. (2020) Brazilian youth experiencing poverty: Everyday life in the favela. *Journal of Occupational Science*, 27(3), 311– 326.
- Guia, M. J. (2015) Imigração, ‘crimigração’ e crime violento. (Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra). Retrieved from:

- (<https://eg.uc.pt/bitstream/10316/28381/1/Imigra%C3%A7%C3%A3o%20e%20Crime.pdf>)
- Malheiros J. M., Costa N. M. (1989) Aspectos geográficos da criminalidade urbana- os casos de Lisboa e Barcelona. Actas do V Colóquio Ibérico de Geografia, pp. 429-442.
- Malheiros J., Ferreira B., Carreiras M., Amilcar A., Raposo R. (2016) Vulnerabilidade e integração urbana em bairros de habitação social da grande Lisboa: uma aproximação conceptual e empírica. (P. d.-G. Geografia, Ed.) Revista Espaço e Geografia, 19, pp. 185-237.
- Marôpo L. (2013) Identidade e estigmatização: as notícias na perceção de crianças e jovens de um bairro de realojamento. Revista Análise Social, no prelo.
- Neves, T. (2019) Os jovens do Bairro Padre Cruz e os efeitos do género na mobilidade, uso e perceção do espaço público (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa) Retrieved from: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/40744>
- Moura D. (2003) Riscos e delinquências juvenis em contextos de realojamento, Cidades - Comunidades e Territórios, CET/ISCTE, n°7, dezembro, 19-36.
- Palermo, C., Morais, G., Costa, M., Felipe, C. (2007) Habitação social: uma visão projetual. In: IV COLÓQUIO DE PESQUISAS EM HABITAÇÃO, 2007, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: MOM/ EAUFMG.
- Paulos, A., Lopes, E., Magalhães, R., Ramalho, V. (2012) Bola Social: Futebol de rua. Manual do recurso. Associação Nacional de Futebol de Rua (ANFR).
- Pina, S. (2009). Media e leis penais. Coimbra: Edições Almedina.
- Pina, A. F. A. C. (2019) Arte pública e comunidade: O impacto da arte urbana no Bairro Padre Cruz (Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa) Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10071/19623>
- Pinto, T.C., (2009) Do Território aos sujeitos, A construção social da nação de qualidade de vida, Cidades – Comunidades e Território, 19, pp. 81-109.
- Pinto T. C., Gonçalves, A., (2000) Os bairros sociais vistos por si mesmos, Imagens, conflitualidades e insegurança, Cidades – Comunidades e Território, 1, pp.101- 111.
- Pinto T. C., & Guerra, G. (2013) Some structural and emergent trends in Social Housing in Portugal. Rethinking housing policies in times of crisis. CIDADES, Comunidades e Territórios, 27, 1-21.
- Quintas, N. J. (2008) Onde está o bairro social? O caso de um realojamento social em lotes dispersos na Freguesia da Brandoa: Perceção dos residentes sobre o novo espaço residencial Lisboa: ISCTE. Tese de mestrado
- Raposo O. (2007) Juventude, etnicidade e classe social. O estigma de viver na Quinta da Fonte. Retrieved from: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/13636?mode=full>
- Reid, L. W., Weiss, H. E., Adelman, R. M. & Jaret, C. (2005) The immigration–crime relationship: Evidence across US metropolitan areas. 34 (4), 757-78
- Rodrigues, J. C. (2003) As Lógicas Sociais dos Processos de Realojamento: Da Requalificação Residencial às Lutas de Classificação em Novos Bairros de Habitação Social. Cidades - Comunidades e Territórios (7), pp. 91-99.
- Sampson J. R., Wilson J. W. (1995) Toward a theory of race, crime, and urban inequality. J. Hagan (Eds), Crime and Inequality (pp.37-54), Stanford University Press.

- Santin, G. (2006) *Média e Criminalidade: uma leitura interdisciplinar a partir de Theodor Adorno*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Porto Alegre) Retrieved from: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4984>
- Sassen, S. (1991) *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton, Princeton University Press.
- Sattersten, R.A (2001) *Theoretical Models of Neighborhood Effects*. N. J. Smelser, P. B. Baltes .pp 2367-2371, Pergamon 2001
- Silva, M. M. M., Alves, D. R. (2017) A importância dos meios de comunicação na promoção do direito à educação e à informação. In A. M. Ortega Pérez, & V. García Prieto (coords.), *Voces alternativas. Investigación multidisciplinar en comunicación y cultura* (pp. 25-42), Sevilla: Ediciones Egregius. Retrieved from UPT, <http://hdl.handle.net/11328/2108>
- Soares, R. (2009) De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais. *E-Compós*, Brasília, DF, v. 12, n. 1
- Treuke, S. (2019) Integração econômica vs. evitamento social: analisando relações de bairro entre a favela de Calabar e os condomínios de elite circundantes. *Revista Brasileira Estudos Urbanos Regionais*, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 117-136. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/nbR3mrc9c6vfJYngH55wqyc/?lang=pt>.
- Wacquant, L., Slater, T., Pereira, V, (2014). Estigmatización territorial en acción. *Revista INVI*, 29 (82): 219-240
- Wortley, S. (2009) Introduction. *The Immigration-Crime Connection: Competing Theoretical Perspectives*. *Migration & Integration* 10, 349. doi: <https://doi.org/10.1007/s12134-009-0117-9>

Anexos:



Anexo A: Panfleto projeto "Bairro aos meus olhos"